



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

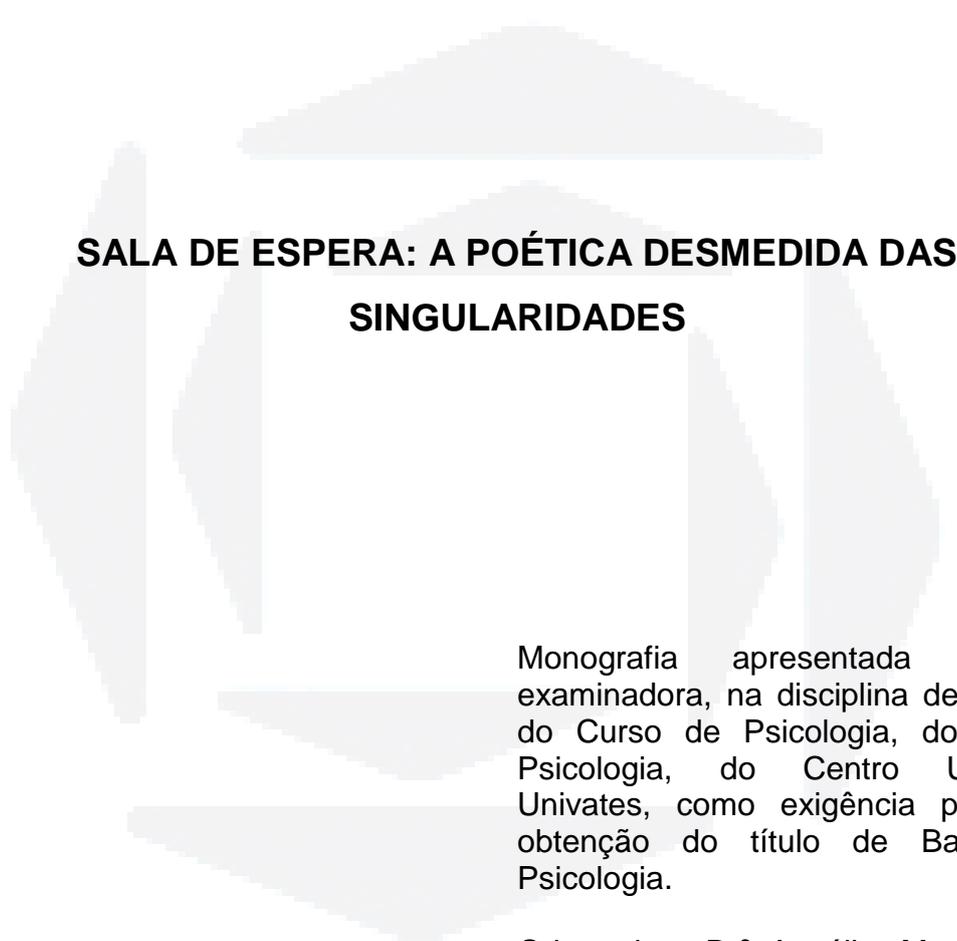
CURSO DE PSICOLOGIA

**SALA DE ESPERA: A POÉTICA DESMEDIDA DAS
SINGULARIDADES**

Noeli Zanotelli

Lajeado, novembro de 2012

Noeli Zanotelli



**SALA DE ESPERA: A POÉTICA DESMEDIDA DAS
SINGULARIDADES**

Monografia apresentada à banca examinadora, na disciplina de Conclusão do Curso de Psicologia, do Curso de Psicologia, do Centro Universitário Univates, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Dr^a. Angélica Munhoz.

Lajeado, novembro de 2012

Noeli Zanotelli

SALA DE ESPERA: A POÉTICA DESMEDIDA DAS SINGULARIDADES

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de bacharel em Psicologia:

Profa. Dr^a. Angélica Munhoz – orientadora
Centro Universitário Univates

Profa. Ms. Gisele Dhein
Centro Universitário Univates

Prof. Dr. Cristiano Bedin da Costa
Centro Universitário Univates

Lajeado, 29 de novembro de 2012

AGRADEÇO...

Agradeço e dedico este trabalho a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para esta realização, em especial:

A Deus, pela dádiva da vida e ensinamentos divinos tornando-me mais humana;

Aos meus queridos pais, Leopoldo Zanotelli e Luiza Zanotelli, meu eterno carinho, gratidão e admiração por me permitirem existir e ser.

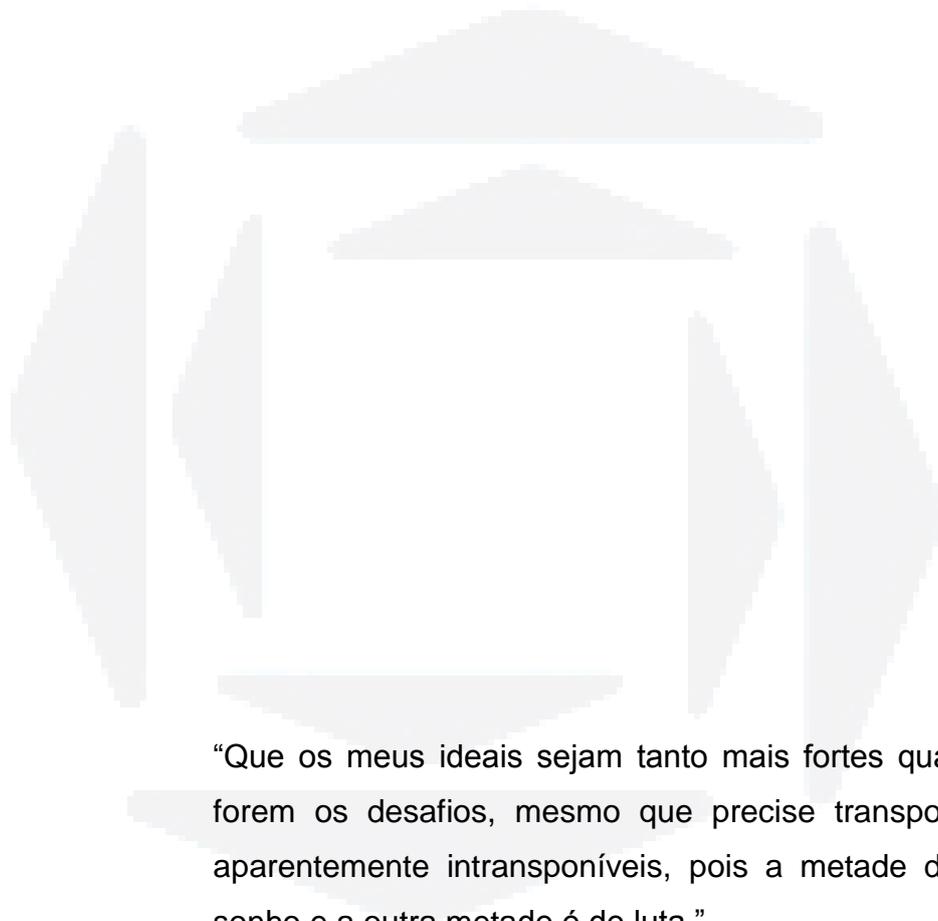
A meu amado esposo e companheiro, Genésio Rockenbach, que não mediu esforços para me auxiliar. Pela compreensão e incentivo, paciência, carinho e apoio transmitido nos momentos em que as lágrimas se fizeram necessárias, pois sem ele não teria alcançado este e outros tantos objetivos;

Aos meus queridos filhos, John Lenon e Bruna Luisa, parte de minha existência. Pela docilidade da sua presença, pela compreensão na minha ausência;

Aos meus amigos, professores e colegas, que me ajudaram e incentivaram nas horas mais difíceis, vibrando comigo a cada etapa vencida, pois, como poucos, sabem da árdua tarefa empreendida;

A minha magnífica professora, amiga e orientadora, Dr^a. Angélica Munhoz, que de forma brilhante me auxiliou a conduzir este trabalho da melhor forma possível, transmitindo-me um pouco de seu vasto saber, tornando possível a conclusão desta obra;

A todos vocês o meu muito obrigada, essa conquista é nossa!



“Que os meus ideais sejam tanto mais fortes quanto maiores forem os desafios, mesmo que precise transpor obstáculos aparentemente intransponíveis, pois a metade de mim é de sonho e a outra metade é de luta.”

(Autor desconhecido)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso possibilitou uma análise reflexiva sobre o tempo de espera que transversaliza os encontros entre usuários, familiares, estagiários e supervisores no espaço Sala de Espera, na Clínica Universitária Regional de Educação em Saúde (CURES), no Centro Universitário UNIVATES/RS/Brasil. Partindo do objeto Sala de Espera buscou-se ensaiar as questões: O que pode a Sala de Espera da CURES enquanto dispositivo de cuidado, espaço possível na promoção de saúde e de criação? De que modo o tempo de espera pode tornar-se potencializador de singularidades? Para tal escrita, foram utilizados as anotações e os fragmentos de textos do diário de campo - instrumento de registro do processo metodológico - que têm acompanhado a trajetória e a caminhada desta pesquisa, incluindo em tal processo a análise do livro de registros do referido espaço. Através da espera vislumbram-se encontros, criações, afetações, devires, ou seja, um processo que possibilita a potencialização dos sujeitos. Deste modo, a Sala de Espera da CURES adentrou este estudo como um dispositivo, podendo tal espaço possibilitar outras formas de cuidado na promoção, participação e funcionamento dos diferentes sujeitos, tornando talvez o tempo de espera um modo de produção de subjetividade.

Palavras-chave: Práticas de cuidado. Modos de subjetivação. Sala de espera.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço Sala de Espera da CURES	15
Figura 2 - Criações feitas pelos participantes	21
Figura 3 - Balcão onde são guardados determinados materiais	30
Figura 4 - Desenho de um usuário	51
Figura 5 - Desenho pintado no quadro na Sala de Espera da CURES	54
Figura 6 - Desenho criado e pintado por usuário	55
Figura 7 - Escrita anônima no quadro mural da Sala de Espera da CURES	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMO TUDO COMEÇOU: A CURES - CONSTRUÇÃO DOS FLUXOS E O CUIDADO DE FORMA INTEGRAL	12
3 SALA DE ESPERA NA CURES: QUE LUGAR É ESSE?.....	14
4 LIVRO DE REGISTROS: TEMPOS E ESCRITAS ENTRELAÇADAS	18
5 PRÁTICAS DE CUIDADO, BIOPOLÍTICA E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	27
6 VIDA EM CENA: ENQUANTO SE ESPERA NA SALA DE ESPERA.....	41
7 ESPAÇO DE VOZES PERDIDAS, ENTRE UMA CENA E OUTRA	46
8 TECENDO UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE SE ESPERAR	50
9 SALA DE ESPERA DA CURES: ONDE A RELAÇÃO DE VÍNCULO E A CRIAÇÃO COMEÇAM, A ESCRITA TERMINA	57
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

“A curiosidade é substituída pela esperança de Criar” (BACHELARD, 2002, p. 5).

Esta escrita, bem mais do que um trabalho final para a conclusão do Curso de Psicologia, muito além de uma exigência para a obtenção do título de Psicóloga, é uma vivência única, híbrida, ímpar e ao mesmo tempo plural, de encontros, de acolhimentos, de silêncio e escuta, pois exigiu atos de leitura, reflexão e análise, priorizando exercícios de busca para romper obstáculos, vencer barreiras e ampliar o olhar sobre o cuidado humanizado e integral em saúde.

Acolher e ser acolhido, escutar e ser escutado, cuidar e ser cuidado, afetar e ser afetado, desvelando movimentos de ação-reação-ação na construção de um lugar “outro” na vivência clínica do cuidado mobilizou em mim posturas e pensamentos inéditos até então. Remetendo-me, assim, aos trabalhos acadêmicos e à vivência como acadêmica, estagiária e pesquisadora, vivenciei encontros e lembranças ricas, erros e acertos, mas nada que se compare às significações e à relevância da psicologia enquanto possibilidade transformadora de estados e vivências, aplicabilidade, desdobramentos e criações. Os recursos encontrados para trabalhar a minha criança interior, o meu ser total, tornaram possíveis grandes emoções e alcançaram um nível de sensibilização para o devir, o recriar, o revelar, o transgredir, o reinventar, o redescobrir na prática clínica um lugar “outro” para, talvez, possibilitar o cuidado humanizado.

A valorização da vivência e a articulação entre teoria e prática despertou-me a espontaneidade, o deixar ir e vir, a relação afetiva entre o eu e o outro (usuários, familiares, estagiários e supervisores), oferecendo-me imenso prazer no meu processo de aprendizagem e aquisição de novos e diferentes saberes profissionais, mas, principalmente humanos. É por acreditar no acolhimento e na escuta como um dos recursos possíveis para criação de vínculos e potencialização dos sujeitos que prioriza-se o “tempo na Sala de Espera da CURES” como eixo da pesquisa em questão. Entende-se que o tempo de espera pode proporcionar e viabilizar

encontros e fluxos pelas diferentes áreas de conhecimento e referendar conquistas valiosas, profundas e, talvez, eficazes.

As questões que se buscou analisar nesse trabalho surgiram a partir do estágio curricular realizado nas dependências da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES¹). Assim, tecendo uma análise cartográfica sobre o tempo de espera na Sala de Espera, é que nasce essa pesquisa. A pesquisa na perspectiva cartográfica deixa de se interessar pelos pontos fixos, abandonando a pretensão de revelar a verdade. Kastrup (2007) entende o método cartográfico como uma possibilidade de pesquisa e o relaciona como um exercício de experimentação. Assim, a pesquisa cartográfica visa, “acompanhar processos”, apostar na riqueza das pistas e na intensidade dos rastros que, “investiga um processo de produção”. Pesquisar nesta perspectiva pressupõe ocupar-se de um plano movente, interessando as metamorfoses, em outras palavras, a experiência cartográfica possibilita escapar aos regramentos da pesquisa científica para mostrar que existe outros modos de pesquisar. Desse modo,

“O cartógrafo não só tem que trabalhar com a circularidade fundamental e reconhecer a coemergência “eu-mundo”, mas, sobretudo, ele precisa garantir a possibilidade de colocar em xeque tais pontos de vista proprietários e os territórios existenciais solidificados a eles relacionados. Seu paradigma não é o de conhecer, mas o de cuidar, não sendo também o de conhecer para cuidar, mas o de cuidar como única forma de conhecer.” (PASSOE, et al 2009,p. 122)

Assim, a prática de pesquisa não é dada a priori, mas é construída no caminhar e está implicitamente relacionada à capacidade de *afectar* e *afectar-se* durante o processo de análise. Portanto, o processo cartográfico “é aberto, e coletável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes. Ele pode ser rasgado, revertido [...] concebê-lo como uma obra de arte. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12). Escreve-se o processo de elaboração e implementação do local mencionado, como das experiências que configuram estratégias adotadas pelos sujeitos frente ao tempo de espera pelo atendimento e transporte; como também fazer pensar o que pode-se

¹ A partir de agora se utilizará a sigla CURES para se referir à Clínica Universitária Regional em Educação e Saúde.

produzir, promover e transformar a partir da interação entre os diferentes sujeitos em tal espaço.

O fio condutor escolhido para essa pesquisa é: O que pode a Sala de Espera na CURES enquanto dispositivo de cuidado, espaço possível de criação e promoção de sujeitos? De que modo o tempo de espera pode tornar-se potencializador de singularidades? Perguntas que se desdobram em outras interrogações, provocando fissuras e rachaduras a fim de compor outros ângulos para ampliar o olhar, através da operacionalização dos intercessores² que se entrelaçam no decorrer da escrita. Para Deleuze (1992, p.156), “o essencial são os intercessores. A criação de intercessores. Sem eles não há obra”. Nessa hipótese, o diálogo, as histórias de vida, as atividades que são desenvolvidas na Sala de Espera podem ser pensados como intercessores em processo, algo que pode possibilitar fissuras nas práticas e nos modos de se pensar e promover cuidado. A mistura entre corpos na Sala de Espera, mesmo que de forma tímida, tem aproximado os sujeitos em uma aventura inventiva, pois os mesmos são tomados por curiosidade e zelo, alterando formas e práticas estabelecidas *a priori*.

A partir da problemática instalada, o caminho vai construindo suas próprias teias. Através do tempo de espera que envolve os sujeitos que aguardam por atendimento ou transporte, buscou-se identificar, descrever e analisar a espera como tempo possível de criação e potencialização dos diferentes sujeitos. É nesta perspectiva que descreve-se a implementação da Sala de Espera da CURES como espaço inovador e diferenciado das demais salas de espera dos serviços de saúde.

² Intercessores é um conceito criado por Deleuze (1992), onde afirma que o essencial são os intercessores, pois sem eles não existiria obra. Os mesmos (intercessores) podem ser pessoas, coisas, plantas e animais, fictícios ou reais, animados ou inanimados, sendo necessário fabricá-los.

2 COMO TUDO COMEÇOU: A CURES - CONSTRUÇÃO DOS FLUXOS E O CUIDADO DE FORMA INTEGRAL

“Na verdade, não temos aqui morada pronta para os vilões! Para seus corpos e seus espíritos nossa felicidade seria como uma caverna de gelo!” (NIETZSCHE, 2006a, p. 33).

A Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES³) é uma clínica-escola, localizada no Centro Universitário Univates, no município de Lajeado, RS - Brasil. No exercício de suas atividades, desde 23 de julho de 2008, a Clínica trabalha com a perspectiva de promover a integração de professores e estudantes da Univates com as equipes profissionais dos municípios conveniados da região, oportunizando práticas de interdisciplinaridade e de integralidade na atenção à saúde. A região do vale do Taquari, onde está inserida a CURES, é constituída por 42 municípios, segundo a divisão regional estabelecida pela Secretaria Estadual da Saúde. Há 25 hospitais em funcionamento na região que atendem pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e outros convênios. Entende-se a CURES como um serviço que foi criado para qualificar a formação dos profissionais da área da saúde, oferecendo práticas para que os estudantes passem a trabalhar com o conceito ampliado de saúde, com vistas à integralidade da atenção e não apenas voltados para a cura de doenças, sintomas ou patologias. Ou seja, um espaço para reorganizar a formação e as práticas em saúde, possibilitando vivências por meio do trabalho em equipe. Corresponde a uma clínica especializada, de atenção e

³ Resolução 092/REITORIA/UNIVATES, de 23/07/2008.

promoção à saúde, que desenvolve atividades de assistência diferenciada no campo da educação permanente em saúde para profissionais, docentes e estudantes de nível médio e superior.

As ações de cuidado são planejadas e desenvolvidas em parceria com os profissionais dos municípios. O trabalho oportuniza, de modo simultâneo, o atendimento aos usuários, a qualificação dos trabalhadores de saúde e formação dos estudantes. Tendo como referência a Integralidade da atenção em saúde, as atividades têm como prioridade as necessidades sociais dos usuários. São planejadas em conjunto com as equipes locais, de acordo com as necessidades de cada um. Atualmente, são três os municípios que possuem convênio com a Clínica: Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Estrela.

Nesse sentido, a Clínica significa ampliação do olhar, das estratégias e das ferramentas de intervenção, das possibilidades de inserção. Implica “despir-se” dos especialismos para arriscar-se num processo de criação e invenção de práticas que respondam às demandas dos usuários. A clínica propõe-se a ser espaço no qual os usuários sejam pró-ativos, participantes, capazes de cuidar-se, opondo-se à “tutela”. Os profissionais atuam como mediadores no processo de cuidado, considerando-se, até o momento, a participação dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Psicologia e Nutrição, cujos trabalhos situam-se sob três linhas de cuidado: saúde do idoso, saúde do trabalhador e saúde mental. Portanto, é no espaço da CURES, mais especificamente na Sala de Espera, que essa pesquisa se desenvolve.

3 SALA DE ESPERA DA CURES: QUE LUGAR É ESSE?

“Saber esperar é algo tão difícil que os maiores escritores não desdenharam fazer disso um tema de suas criações” (NIETZSCHE , 2000, p. 60).

Dar a ver essa experiência a empobrece muito, pois fica praticamente impossível descrever o tom, o colorido, a emoção, o aroma e o sabor por meio de palavras. Mas, de forma um tanto ousada, buscou-se dar voz ao que é vivido nesse espaço um tanto diferenciado se comparado às salas de espera nos serviços de saúde. O caminho para a inserção da Sala de Espera exigiu trocas entre estagiários e supervisores da CURES. Inúmeros foram os momentos destinados à escolha da sala mais adequada, ao planejamento de possíveis atividades como oficinas de arte, pintura, música, a hora do conto, momento de escrita, desenho, roda de conversa, como também para a aquisição de materiais. O espaço físico da sala é contemplado com mesa, cadeiras, quadro negro, uma pia com água, rádio com CD, um balcão onde encontram-se folhas para desenhar, lápis de escrever, lápis de cor, apontador, canetinhas, giz de cera, massa de modelar, tinta para pintar, tesouras, colas; diferentes jogos como pega-varetas, quebra-cabeça, uno, cartas; livros de historinhas, retalhos de tecido, linha, agulhas, botões; materiais recicláveis como garrafa pet, jornais, revistas entre outros.



Figura 1 - Espaço Sala de Espera da CURES. Fonte: Da autora.

Ao adentrar no campo de pesquisa, constata-se certa harmonia no ambiente, tatames e almofadas contemplam o diferencial da Sala de Espera da CURES. Desenhos dão um colorido diferenciado no visual da parede, mas algo nos tem chamado a atenção, a inexistência do aparelho de televisão, objeto este existente na maioria das salas de espera dos serviços de saúde. Despertados pelo desejo de pesquisa, questões surgem: Qual o sentido de um televisor nas salas de espera nos serviços de saúde? E a inexistência de tal objeto, uma opção do serviço ou uma proposta de interação?

Ao primeiro olhar, a presença ou a inexistência de tal objeto - o televisor - parece algo simples. No entanto, o mesmo pode interferir na relação das pessoas. Podemos pensar que a presença de tal aparelho nas salas de espera, muitas vezes, acaba inibindo a comunicação, trocas de experiências, olhares e sorrisos entre os sujeitos, pois os mesmos são capturados por imagens visuais, trazidas por diferentes programas que constantemente são apresentados pela mídia, exercendo, de certo modo, o poder do sistema capitalista sobre o sujeito, pois enquanto cativa o olhar, torna os sujeitos solitários. Mas, talvez, a existência de tal objeto, em muitos espaços, seja a forma encontrada para amenizar o tempo de espera. Além disso, também se pode pensar na existência da televisão como um meio de baixar ou

amenizar a ansiedade, o medo e possível angústia que possa acompanhar os sujeitos que esperam por algum resultado.

Neste sentido, Oliveira e Fonseca (2007) nos alertam para o perigo do atual sistema capitalista. Segundo as autoras, o poder do sistema capitalista não se restringe a segmentos sobre as instituições e modos de subjetivação, mas age diretamente sobre a demanda sem tempo para pensar, construir e criar algo, tornando os sujeitos reféns desse sistema de poder. Nesta mesma linha, talvez o “ser sem tempo”, capturado pela mídia televisiva enquanto espera, apresenta subjetivações adormecidas ao sistema político instituído, permanecendo fechado aos encontros, aprisionando-se à reprodução, repetição e lamentações, anulando os acontecimentos, a capacidade produtiva e as potencialidades existenciais.

Mas, como bem descreve Foucault (1979), o problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa, mas saber se é possível constituir um novo modelo político. “O problema não é mudar a ‘consciência’ das pessoas, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade” (FOUCAULT, 1979, p. 14). O desafio, talvez, seja escapar das máquinas sociais produtoras de paralisia, na tentativa de percorrer as linhas nômades habitadas pelo devir, pelo inesperado e conectadas com o desejo e a expansão da vida, inventando, quem sabe, outros territórios fluidos e temporários nos serviços de saúde.

Neste sentido, verifica-se que a Sala de Espera da CURES propõe uma aproximação entre os participantes. Ao observar o posicionamento das cadeiras em forma de círculo ao redor da mesa, podemos pensar em uma aproximação desejante entre as pessoas. Talvez, a não presença de um televisor no espaço pesquisado venha a contribuir com a interação e a comunicação entre usuários e profissionais e, com isso, ampliar a humanização da atenção, buscando fortalecer e estimular processos integradores e promotores de compromissos e responsabilização entre os diferentes sujeitos. Portanto, ao analisar a não existência de tal objeto no campo pesquisado não buscamos o certo ou errado, mas, fazer pensar o que a presença do mesmo - televisor - pode ou não proporcionar aos sujeitos quando falamos de tempo de espera e interação. Seguindo este raciocínio,

pode-se entender que as atividades desenvolvidas na Sala de Espera da CURES talvez possibilitem romper com as reproduções burocráticas e protocoladas, que muitas vezes não condizem com as necessidades e a realidade social.

Destaca-se que o objeto de análise desta pesquisa não é o *hall* de recepção da CURES, mas uma sala diferenciada, na qual, a cada encontro, a cada devir, a cada movimento, os sujeitos que deste espaço se utilizam possam potencializar sua singularidade e a sua criatividade, ou seja, a referida sala tem por propósito tornar a espera significativa. Assim, ao pesquisar o tempo de espera neste espaço tem-se buscado vislumbrar o modelo de cuidado que nega a centralidade na doença, acreditando na possibilidade de trabalhar com a promoção de saúde e a potencialização do sujeito. Destaca-se que conhecer, participar, dar sugestões de possíveis atividades e esperar, neste ambiente, tem sido algo subjetivo. Portanto, entrar e sair da sala, participar da roda de chimarrão, entregar-se à criatividade, à espera atrelada ao diálogo e ao conhecer-se, é da ordem do desejo singular. Para tanto, cada participante é produto e produtor de seu estado em devir. Neste sentido, nos primeiros registros não se observa saber-poder vertical entre os participantes⁴, mas uma *transdução*⁵ horizontal de saberes, onde os sujeitos têm falado de si, de suas famílias, das alegrias, desejos, sofrimentos, de problemas sociais.

O movimento inventivo que aflora na Sala de Espera da CURES nos desperta a percorrer as escritas no livro de registros. Neste constam os relatos diários sobre o que aconteceu, ou foi desenvolvido na sala pelos participantes, entre eles, usuários – acompanhantes – estagiários e supervisores. As anotações são feitas pelos estagiários responsáveis pela organização e participação na sala a cada dia de atendimento.

⁴ É importante salientar que como participantes estamos nos referindo a qualquer sujeito que encontra-se no espaço pesquisado.

⁵ Segundo Simondon, apud Deleuze e Guattari (1995), por *transdução* entende-se uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio, fundando esta propagação sobre a estruturação do domínio operado de região em região, cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição à região seguinte, de modo que uma modificação se estende progressivamente.

4 LIVRO DE REGISTROS: TEMPOS E ESCRITAS ENTRELAÇADAS

“Esse teatro do tempo é exatamente o oposto da procura do tempo perdido; porque me lembro pateticamente, pontualmente e não filosoficamente: me lembro para ser infeliz ou feliz – não para compreender” (BARTHES, 1984, p. 141).

Amantes do tempo encontram-se e vivenciam outros possíveis na Sala de Espera. Criar, observar, escutar, estar atento à complexidade da vida dos sujeitos para que tudo ou quase tudo possa ser registrado. Através das escritas, postulam-se novas maneiras de se pensar o tempo de espera enquanto produção de sentido e potência singular. Trata-se de entrar em sintonia com a leitura, analisar traçados, identificar e conhecer a Sala de Espera da CURES através da escrita, vislumbrar os caminhos ali descritos, percorridos, inventados e vivenciados neste hiato de encontros entre corpos. Livro de registro em mãos, primeira análise, a curiosidade borbulha na mente, os olhos como fagulhas percorrem as primeiras palavras, primeiras linhas, primeiro registro, buscando decifrar o primeiro encontro, a primeira espera. O encontrar-se, estar junto, conversar enquanto se espera na Sala de Espera da CURES teve início no dia 24 de outubro de 2011. Nas primeiras páginas, nas primeiras descrições, verifica-se que o diálogo e a roda de chimarrão têm feito parte dos encontros, do conhecer-se. Em muitos dos registros a escrita se restringe ao: “histórias de vida acompanhadas do chimarrão transversalizaram o encontro, o tempo de espera”. No entanto, em outros - registros - a escrita tem contemplado movimentos de interação, de experimentação, de criação entre os participantes que se utilizam da Sala de Espera da CURES, como se pôde verificar nos relatos destacados.

Um encontro que possibilitou inúmeras trocas, experiências de vida, elogios ao espaço oferecido - Sala de Espera. Percebe-se o espaço como um desencadeante de vínculos, sendo que a cada encontro verifica-se que participantes tornam-se mais ativos e felizes. Uma produção de si, nas trocas com o outro, um aprender juntos onde potências singulares estão aparecendo (Escrita registrada no livro de registro, 29/11/11).

Vale pontuar que o processo da pesquisa tem-se ocupado com fragmentos de textos, descritos por estagiários no livro de registro, o que nos tem permitido acompanhar os acontecimentos, multiplicar os caminhos e as possibilidades de idas e vindas que se sucedem a cada encontro na Sala de Espera da CURES, compondo assim outras possibilidades ao olhar, que estranha a relação entre o visível e o descritível. Talvez assim, pode-se pensar em uma nova maneira de ver o mesmo, de compreender o que está de certo modo posto e familiarizado.

Através dos diferentes fragmentos de textos, encontrados no livro de registro, verificam-se dois modos de escrever: um busca dar passagem à escrita menor, aos detalhes, aos devires, aos acontecimentos, experimentações e criações, despertando com isso o desejo, o prazer do leitor em ler; o outro nos direciona a uma escrita pobre de sentido, a uma carência de palavras. Entende-se que as escritas menores provocam brechas, desacomodam, causam borrões, movimentam as palavras da ordem. Escrita menor, como um sonho, que permite, sustenta, coloca em plena luz uma extrema sutileza de sentimentos morais, por vezes metafísicos, sentido mais sutil das relações humanas e das diferenças refinadas. Assim, Rodrigues (2006) escreve que o movimento das escritas menores propõe fissuras, possíveis rachaduras, fazendo escorrer a linguagem maior, embora, não signifique “inserir algumas modificações em uma disposição dominante de escrever e sim provocar abalos, desestabilizar a língua maior no seu funcionamento soberano” (p. 112).

Convidamos a tia do usuário para uma roda de chimarrão junto ao pátio da CURES, onde a conversa abrangeu vários assuntos; ao término do atendimento, o usuário se juntou ao grupo e mostrou-se muito interessado ao perceber que o assunto em pauta era sobre filme de terror. Juntos desenhamos o jogo de moinho, sendo que o usuário levou para casa para treinar (Escrita registrada no livro de registro 16/04/2012).

“Enquanto conversávamos sobre os acontecimentos da semana, jogamos vários jogos, desenhamos. Foi um momento diferenciado, hoje a sala estava cheia” (Escrita registrada no livro de registro, 02/12/12).

Os fragmentos de escrita nos possibilitam identificar uma interação entre os participantes, algo que tem extrapolado o ambiente da Sala de Espera da CURES. Percebe-se um movimento de descontração ao ar livre, onde tomar chimarrão, falar sobre filme de terror e desenhar talvez atribuíram sentido ao tempo de espera. Tais tópicos dão asas à imaginação do leitor, porém por si só, não contemplam os detalhes, as produções e criações existentes e verificadas no espaço da Sala de Espera da CURES. Em suma, entende-se que o objetivo da Sala de Espera da CURES não é terapêutico, mas sim propõe tornar o tempo de espera significativo. Isso nos possibilita pensar: Que fator tem delimitado a escrita sobre os encontros na Sala de Espera, não sendo o objetivo do espaço terapêutico? Quem escreve o que se propõe a escrever? Para Barthes (1993), a escrita tem necessidade de sua sombra; “essa sombra é um pouso de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito, fantasmas, bolsos, rastos, nuvens necessárias, a subversão deve produzir seu próprio claro-escuro” (p. 44). Talvez, percorrer os caminhos da Sala de Espera da CURES e escrevê-los exija uma relação de prazer entre o escritor e a escrita. Por hora se poderia pensar que a relação de prazer entre escrita e escritor é o momento em que o corpo de quem escreve vai seguir suas próprias ideias, assumindo a deriva de uma escrita mágica ou poética.

Em face disso, a Sala de Espera da CURES e livro de registros parecem ser tão familiares, porém tão distantes. Nela, percebe-se a sutileza da criação, dos acontecimentos e dos encontros, nele - livro de registros – uma escrita fragmentada, delimitada e reduzida. Ela, tão presente aos olhos dos que observam - nele, carência de imaginação, ao olhar e pensamento de quem pesquisa - nela a liberdade de ir e vir, de encontrar-se, misturar-se, conversar, aprender juntos - nele, sente-se a falta de escritas menores e livres.

“Escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe – escrita materna - para a glorificar, embelezar ou para despedaçar, para o levar ao limite daquilo que o corpo pode reconhecer [...]” (BARTHES, 1993, p. 50).

Conversamos sobre a relação familiar, filhos, todos estavam bem à vontade para conversar, contando muita coisa sobre sua vida. Percebemos os momentos na sala de espera como uma abertura para conversas e escuta

tanto de angústias quanto da evolução dos participantes (Escrita registrada no livro de registro, 20/03/2012).

“Neste dia, após inúmeras trocas, histórias de vida, uma salada de frutas fez parte da atividade coletiva junto à cozinha” (Escrita registrada no livro de registro, 06/06/2012).

“Temos percebido que cada vez mais a sala tem se constituído como lugar de vínculos e de criação” (Escrita registrada no livro de registro, 28/11/11).



Figura 2 - Criações feitas pelos participantes. Fonte: Da autora

Pela imagem, verifica-se no campo pesquisado um movimento artístico, de criação, que pode dar asas à imaginação de quem descreve no livro de registro. No entanto, percebemos uma diferenciação entre o que é visível para nós no espaço pesquisado - como as produções e criações desenvolvidas, desenhos, enfeites na sala, trocas de receitas - e o modo como isso é descrito no livro de registro. A diferenciação do olhar de quem pesquisa e de quem escreve estaria ligada à questão do “tempo”? Como dar passagem a uma escrita singular, mas ao mesmo

tempo coletiva? Para Rodrigues (2006), as escritas menores se configuram em uma escrita livre, que dá passagem ao desejo, aos fluxos nos quais transita, “trazendo intensidade naquilo que passa, que dança entre a mão e o papel, transformando a escrita em matéria vital” (p. 117).

Portanto, escritas menores vazam das regras, escavando outras possibilidades de pensar e escrever, que não se rendem a juízo de valores, mas ao contrário, buscam espreitar os devires, o acontecimento que atribui sentido ao sujeito que espera, visto que este - acontecimento - consiste naquilo que escapa ao que se atualiza, normatiza. A inter-relação entre Sala de Espera da CURES e o livro de registros nos permite pensar as escritas menores como acontecimento, como um conjunto de singularidades: “pontos de retrocesso, de inflexão; desfiladeiros, nós, núcleos, centros, pontos de fusão, pontos de choro de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis” [...] (DELEUZE, 2006, p. 55). Nessa perspectiva, ao entender o tempo de espera como um acontecimento, talvez consigamos reencontrar as conexões, os encontros, as estratégias, que ampliem os movimentos subjetivos na promoção e potencialização da vida. Baremlitt (2002) descreve acontecimento como: “ato, processo e resultado da atividade afirmativa do acaso. É o momento de aparição do novo absoluto, da diferença e da singularidade” (p. 135). Assim, o acontecimento percorrendo os traços da escrita, vai além do vivenciado e experimentado, lançando aquele que escreve a dar passagem a suas afetações, como aqui se pode verificar:

Neste dia, todos nós - participantes - nos deslocamos para a cozinha para a confecção de “negrinhos” e um bolo salgado. Enquanto preparávamos as receitas, tomávamos chimarrão, conversávamos, trocando outras receitas. Ah ... o bom de tudo isso foi a degustação coletiva, onde os supervisores da CURES também participaram (Escrita registrada no livro de registro, 14/05/2012).

Portanto, relatar os acontecimentos, as criações, os encontros, desencontros que transversalizam a Sala de Espera da CURES é desejar uma escrita menor adocida a possíveis regras, ou limitações de tempo - tempo - tempo. Conteúdo, vozes perdidas, anônimas entoam em descompasso pela CURES: “Os registros não contemplam uma escrita mais precisa, mais elaborada, mais detalhada, pela falta de tempo para escrever!” “Para escrever é necessário ter tempo!” As falas descritas são anônimas, invisíveis e fruto da falta de tempo. Assim, percebe-se que a Sala de

Espera da CURES tem possibilitado aos participantes conectarem o pensamento com o tempo Aion, onde criações, acontecimentos, movimentos e misturas de corpos têm feito parte dos encontros. No entanto, falas invisíveis e anônimas percorrem esta pesquisa, queixando-se da falta de tempo para relatar o que tem acontecido diariamente no espaço pesquisado. Neste sentido, talvez o tempo cronológico, da linearidade, da contemporaneidade possa estar limitando quem escreve, impedindo registros mais precisos, mais detalhados, contemplando as práticas, trocas, e. e. e, ou seja, os devires e acontecimentos que têm acompanhado os sujeitos na Sala de Espera, nos passeios pelo complexo esportivo, no pátio e na cozinha da CURES.

“Aprendemos com uma participante a fazer ‘fuxico’, enquanto outro usuário, acompanhado por uma estagiária, foi conhecer o complexo esportivo, as piscinas; ressalva-se que o usuário manifestou tal desejo” (Escrita registrada no livro de registro, 03/04/1012).

Neste sentido, a espera aqui é pensada como tempo Aion, que propõe romper com as práticas centradas na doença, buscando ampliar as possibilidades de trocas, dos devires, dos acontecimentos que surgem a cada encontro. Tem-se buscado a desterritorialização das visões protocoladas sobre o pensar saúde, onde de cada ação se espera um resultado específico, no qual o tempo Cronos é o primeiro a ser valorizado. Pelbart (2004) define bem a diferença entre os dois tempos no seguinte trecho:

“Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do limitado e infinito, Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular, Aion é linha reta. Sensato ou tresloucado, Cronos é sempre da profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente atópico, ou “transtópico” mas também, num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal” (p. 72).

Portanto, o tempo na Sala de Espera pode ser entendido como o tempo da contemporaneidade, tempo Cronos: linear, organizado, hierarquizado, sequencial, das atividades pré-estabelecidas ou o tempo Aion: tempo do devir, do acontecimento, do fluxo intensivo, do caos, da experiência, agenciamentos, do corpo sem órgãos. Este corpo é pensado da seguinte forma:

[...] corpo sem órgãos é na ordem das forças, fluxos de intensidade, sem divisão de funções, viver intensas experimentações, da ordem do porvir,

onde cada indivíduo vive através de suas afetações e não através de imposições (DELEUZE, 1997, p. 132).

Assim, o espaço na Sala de Espera da CURES têm-se mostrado um campo possível de criação e interação, no qual o tempo de espera pode se tornar potência de vida; mas para tal, o sujeito necessita entrar em sintonia com seu estado de afetações. O inconsciente surge como uma usina de produção, desabrochando forças, intensidades, caos, movimentos criativos, inventivos, possibilitando certa plasticidade, várias saídas a um conjunto de singularidades que se encontram enquanto esperam. Essa conexão com o inconsciente nos remete à produção de diferentes sentidos, onde o acontecimento não é o que acontece, mas sim o que se extrai, o que se produz de sentido sobre o que acontece. O acontecimento é complexo, pois supõe produção de novas ideias e, por isso, carrega em si uma beleza, a beleza do ato.

Portanto, o acontecimento não se confunde mais com o espaço que lhe serve de lugar, nem com o atual presente que passa, mas com a intensidade do momento. Para Deleuze (2006), os acontecimentos são singularidades ideais que comunicam em um só e mesmo acontecimento, assim possuem uma verdade eterna e seu tempo não é nunca o presente que os efetua e os faz existir, mas o tempo Aion ilimitado, o infinitivo em que eles subsistem e insistem. Assim, a hora do acontecimento termina antes que termine o acontecimento; o acontecimento começará então em outra hora, pois todo acontecimento está no tempo em que nada se passa. O referido autor complementa seu conceito de acontecimento considerando-o como “jatos de singularidades” (DELEUZE, 2006, p. 56).

A mistura de corpos na Sala de Espera da CURES vem possibilitando movimentos de criação e invenção. Um estado de *afetação* entre os sujeitos, entre os corpos que se arriscam a vivenciar encontros com o tempo Aion, permitindo-se experimentações, criações ao infinitivo, ao eterno retorno, ao fluxo, ao caos, às multiplicidades que atravessam a todos, permitindo e possibilitando uma outra lógica, um outro modo de ser e, assim, novas produções de sentido. A própria invenção é um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontros, novos agenciamentos das relações. Então, o tempo Aion na Sala de Espera da CURES tem permitido aos sujeitos acessar este outro tempo, um tempo de escuta que

sensibiliza o corpo, do encontro, da multiplicidade, do olhar, do devir que possibilita momentos de invenção. “Inventar é uma grande alegria, uma alegria social” (PELBART, 2003, p. 113).

A espera a um estado de devir não é imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir uma filiação. “Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem a ‘ser’, nem a ‘equivaler’, nem ‘produzir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 162). O tempo de espera, analisado nessa pesquisa como potência, como espaço de cuidado em tempo Aion, tem ampliado a concepção de sujeito e nos possibilitado um olhar diferenciado sobre a prática clínica, considerando que a relação, o vínculo que se estabelece a partir dos encontros, da mistura entre corpos e vozes na Sala de Espera da CURES é muito mais do que se pode ver e ouvir. No entanto, através do livro de registro, percebe-se que o tempo Cronos tem dificultado a quem escreve entregar-se à arte de escrever, a um pensamento que possibilite a quem escreve alcançar o invisível da produção da diferença e não apenas os efeitos dessa produção.

É somente quando a consciência se deixa desestabilizar pelas diferenças que se ativa no pensamento a potência de alcançar o invisível. Só que a ativação dessa potência depende de incorporarmos à prática do pensamento a apreensão por sensação, por afecto, que é o que lhe dá acesso ao inconsciente (ROLNIK, 1995, p. 6).

Através do que estamos chamando de tempos e escritas entrelaçadas no livro de registros, verifica-se uma prática inventiva, uma abertura que depende de como cada sujeito suporta viver a diferença – como cada sujeito se entrega à espera e à escrita nas quais o tempo Aion e o tempo Cronos se transversalizam, põem os sujeitos em confronto com sua potência, com sua singularidade. Desse modo, a escrita torna-se uma arte, escorrendo pelo papel em forma de tinta, registrando até então o não registrado na perspectiva da experiência e do sentir; talvez isso exija de quem escreve ter pretensão de dar o que pensar ao pensamento, de tornar visível o invisível, provocando fissuras no pensamento. Pesquisar a Sala de Espera como dispositivo de cuidado nos tem possibilitado um olhar valorativo sobre a ética dos corpos que, por vezes, têm-se apresentado enclausurados em modos únicos e estanques de ser.

Dessa forma, relatar os encontros na Sala de Espera da CURES, dar voz à escrita é traduzir as sensações vividas no embate com as forças exteriores que colocam os sujeitos a pensar e que ainda não se colaram em imagens. Em outras palavras, no encontro com traços, quem escreve é solicitado a operar movimentos, dar voz ao pensamento, decifrar momentos de silêncio, se entregar à mistura de corpos e vozes, dando passagem através da escrita aos sopros do acaso.

A escrita em voz alta não é fonológica, mas fonética, seu objetivo não é a clareza das mensagens, o que ela procura são os incidentes pulsionais, a linguagem atapetada de pele, um texto onde se possa ouvir o grão da garganta (BARTHES, 1993, p. 86).



5 PRÁTICAS DE CUIDADO, BIOPOLÍTICA E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

“Trata-se sempre de desbancar um ponto de vista excessivamente evolucionista, biológico, humanista, acentuando os movimentos transversais de desterritorialização” (PELBART, 2003, p. 75).

Ao pesquisar através do Acolhimento e Escuta, e estes atrelados à Sala de Espera da CURES, têm-se a possibilidade de analisar as articulações entre as práticas de cuidado e os modos de subjetivação a que os sujeitos estão expostos enquanto esperam. Assim, ao incluir a Sala de Espera nesta pesquisa como dispositivo de cuidado, buscou-se verificar quais outras formas de trabalho são possíveis e que valorizem a singularidade do sujeito. O tempo de espera torna-se ferramenta para que corpo e pensamento busquem linhas de conexão com outros modos de cuidar, escutar e acolher: um olhar para além da doença. A referida pesquisa não decorre da historicização de conceitos, mas da análise da Sala de Espera da CURES a partir do Acolhimento e da Escuta, ou seja, da movimentação entre tais pressupostos, pensando a espera como produtora de novos sentidos.

Assim, a Sala de Espera da CURES pode ser pensada como espaço onde é possível se articular modos e práticas de cuidado tão almeçadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Os movimentos, criações e experimentações que têm ocorrido entre os sujeitos que participam da Sala de Espera da CURES nos possibilita pensar na ampliação da concepção de saúde, que não se reduz somente à ausência de doença, mas implica na promoção de uma vida com qualidade e na potencialização

do sujeito. Tal prática tem exigido comprometimento dos profissionais no sentido de prevenir, tratar, cuidar, promover saúde e a valorização dos sujeitos. No espaço pesquisado é perceptível que outros modos de cuidado são propostos, onde, de certa forma, são colocadas em prática diretrizes do SUS como acolhimento e escuta humanizada. Por humanização entende-se:

[...] valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Os valores que norteiam esta política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários e a participação coletiva no processo de gestão (BRASIL, 2004, p. 8).

Portanto, no mencionado espaço, diferentes modos de subjetivação se transversalizam e, assim, articula-se a espera a um campo fértil, vivo, caótico, complexo e em constante movimento na promoção de saúde e potencialização da vida. Nesta lógica, as políticas de saúde podem ser entendidas como instituições de poderes particulares, de biopolítica que impõem certa significância aos modos de subjetivação como sua forma de expressão determinada, em pressuposição recíproca com novos conteúdos: Sobre isso Deleuze (1996), destaca:

Não há significância sem um agenciamento despótico, não há subjetivação sem um agenciamento autoritário, não há mixagem dos dois sem agenciamentos de poder que agem precisamente por significantes, e se exercem sobre almas ou sujeitos. Ora, são esses agenciamentos de poder, essas formações despóticas ou autoritárias, que dão à nova semiótica os meios de seu imperialismo, isto é, ao mesmo tempo os meios de esmagar os outros e de se proteger de qualquer ameaça vinda de fora (p. 48-49).

Seguindo essas ideias, entende-se que um conceito de saúde vinculado à subjetividade e ao tempo de espera não pertence à ordem dos cálculos, mas define-se pelo poder de cada pessoa em tolerar e compensar as agressões do meio. Neste sentido, talvez, promover saúde a partir da Sala de Espera da CURES exija respeitar a capacidade de cada um em enfrentar situações novas. Nessa perspectiva, o tempo na sala de espera pode-se tornar potencial de subjetividade, postulando-se novas maneiras de se pensar e, conseqüentemente, intervir com cada sujeito.

Os participantes chegaram atrasados, pois houve transtorno com o transporte. Fomos conhecer o complexo, combinação que havia sido feita; ao final, um usuário convidou os demais para pintar uma máscara de coelho, o acompanhante trouxe a páscoa para experimentarmos (Escrita registrada no livro de registro, 09/04/2012).

Assim, o entendimento vem de nossa potência de avaliar e interpretar as relações que a cada encontro, a cada movimento efetuam e exteriorizam nossa profundidade. Isso se consegue não por uma linguagem de ideias abstratas, não por um juízo da razão que desconsidere os acontecimentos, mas por uma vontade que queira o acontecimento, que deseje algo no que acontece, pela intensidade que duplica e multiplica um corpo, aumentando sua autonomia, sua potência de afetar e ser afetado. Nas palavras de Fuganti (2008), “ao querer um acontecimento, queira-o de modo a desejar que ele se repita infinitas vezes, queira o seu eterno retorno ao campo afetivo de intensidades, de um pensamento sem marcas, livre da consciência” (p. 71).

Pensar a Sala de Espera da CURES como um eterno retorno de acontecimentos nos exige percorrer caminhos traçados por Foucault (2008) onde, entende-se que, com o passar do tempo, a sociedade foi sendo marcada pelas formas indiretas, simbólicas, distantes, positivas e incitativas de poder; ou seja, o poder que regia a sociedade em uma determinada época foi sendo modificado. Não significa que o mesmo deixou de existir, mas é exercido sobre os sujeitos e sobre os corpos em outra ordem, através da biopolítica. As relações de poder, então, perpassam os sujeitos, os serviços de saúde e as práticas. Nesse sentido, os discursos presentes no livro de registro mobilizam outros modos de viver, de desejar, de pensar que têm potencializado a liberdade dos sujeitos e a afirmação da diferença no espaço Sala de Espera da CURES.

Uma força precisa arrasta o pensamento e o olhar pelo espaço da Sala de Espera da CURES, vários desenhos contemplam o diferencial e o colorido do espaço, o que nos leva a pensar em possíveis produções ou criações singulares. Tudo está aí, quem participa do espaço é livre para escolher, pintar e bordar, mas para tal, alguém responsável pela organização do dia e espaço precisa dar autorização. Materiais guardados e organizados no armário; as chaves do mesmo com o estagiário; todos são livres para entrar e sair; porém, também são controlados. Com isso, não se nega o processo de criação, das produções, das trocas a cada encontro, mas se busca pensar sobre uma liberdade controlada, ou talvez em uma biopolítica como vírus, uma biopolítica que possibilita o sujeito ter liberdade de escolha, porém uma liberdade vigiada.

Segundo Gallo et al. (2011), o vírus biopolítico pode ser transmitido tanto por códigos como por meio de palavras em determinados discursos, que se alojam na consciência da população, funcionando como uma ordem. Eles - os vírus - não existem para além daquilo que os expressa; assim, manter o balcão na Sala de Espera da CURES chaveado é informar, é fazer circular uma palavra de ordem no espaço mencionado, de quem pode ter acesso aos materiais que no balcão estão guardados. Dessa forma, a chave torna-se o objeto de controle, disseminando o vírus biopolítico a quem pode e quem não pode ter acesso ao balcão.



Figura 3 - Balcão onde são guardados determinados materiais. Fonte: Da autora.

A partir da noção de biopolítica, não é preciso enclausurar para controlar. Cada sujeito se torna um número, um código numérico que carrega inúmeras informações que podem ser lidas, identificadas, localizadas e controladas. Entende-se biopolítica como um controle livre que determina a identidade de cada sujeito. Assim, se há controle, é porque há informação, como descreve Deleuze (1996). Em suma, o controle torna-se eficaz quando penetra a dimensão da informação, da comunicação e da ação dos corpos. Deleuze(1996) afirma:

'Informar é fazer circular uma palavra de ordem. As declarações de polícia são chamadas comunicados, a justo título' Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer

estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e 'livremente', sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro. Suponhamos que a informação seja isso, o sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade (p. 298-302).

Neste sentido, ser livre, entrar e sair da Sala de Espera da CURES nos direciona a outros modos de cuidado e interação entre sujeitos, na qual tem-se a possibilidade de analisar quais outras formas de cuidado podem ser incluídas enquanto tempo de espera, bem como o efeito de tais práticas na produção de subjetividade. Assim, pode-se pensar que a biopolítica caracteriza-se como uma maneira de racionalizar os problemas colocados à prática governamental para os fenômenos próprios da população. Deste modo, o processo que envolve as práticas e políticas em saúde e os modos de subjetivação têm se articulado, se transversalizado e se complementado, formando as tramas do tecido social. Portanto, a biopolítica serve para designar uma morfologia do poder que está temporalmente localizado, ou constituído em uma determinada população e local.

Nesta lógica, os sujeitos e os modos de subjetivação se constituem a partir de fenômenos culturais e sociais de uma determinada época. Portanto, se a arte de governar tornou-se, em certo momento histórico, o conjunto dos múltiplos meios de guiar, dirigir e organizar o comportamento dos sujeitos, ordenando e orientando suas ações e reações, então pode-se compreender que as atividades de governar deram lugar à reflexão sobre as próprias práticas, criando relações sociais através da forma colaborativa. Portanto, entende-se que a Sala de Espera da CURES é transversalizada pelas necessidades do contexto social. Esse “outro tipo de relação que neste espaço se estabelece” é, na verdade,

outro modo de subjetivação, outro mundo neste mundo. Amparar o outro na queda: não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiá-lo seus efeitos, mas sim para que possa se entregar ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega (ROLNIK, 1993, p. 65-75).

Neste sentido, considera-se a complexidade da construção das subjetividades, entendendo que são plurais e multifacetadas as possibilidades e escolhas de construção de si. Deste modo, as práticas de cuidado vão se

constituindo à medida que a instituição saúde e os modos de subjetivação são vinculados, analisados e problematizados como parte do mesmo processo, ou seja, atravessados por forças constitutivas, políticas desejantes e por suas produções. Assim, a Sala de Espera da CURES não se restringe ao espaço físico, mas amplia-se para as formas de pensar e praticar o cuidado, tornando o tempo de espera significativo. Segundo Louro (2000),

[...] o lugar de construção de si é o corpo, 'ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos [...] suas falas, corpos e gestos fazem a demarcação simbólica e também material e social de suas diferenças e de seus lugares' (p. 71).

Torna-se importante pensar sobre os modos de subjetivação atrelados ao tempo de espera e, desta forma, buscar dar voz às singularidades advindas com a criação da Sala de Espera da CURES. Segundo Medeiros e Guareschi (2008), os modos de subjetivação podem ser entendidos como “práticas instituídas no cotidiano que forjam determinados modos de relação que as pessoas estabelecem consigo mesmas” (p. 87). É a partir desse complexo mundo de possibilidades que os sujeitos amam, divertem-se, vestem-se, vivem e constituem-se. Os sujeitos constroem e se reconstroem todo o tempo. O que hoje era uma verdade, amanhã pode ser algo em que já não se acredita mais. Os sentidos são múltiplos e as possibilidades infinitas; todas as marcas, as formas, as eficácias e os funcionamentos do corpo transformam-se, mudam com o tempo, subvertem-se, substituem-se e representações deslocam-se, inclusive quando o sujeito está à espera.

Ao analisar os diferentes materiais existentes na a Sala de Espera da CURES, verifica-se que a prática inventiva tem possibilitado um estado de irradiação no espaço pesquisado, onde desejos, crenças, saberes, novas associações de cooperação têm surgido. Constatamos que trocas de receita, artesanato, decoração da sala, “festa junina”, têm feito parte do clima da Sala de Espera da CURES.

Convidamos a tia do usuário para participar de um momento na cozinha, na qual fizemos amendoim com chocolate no microondas. Ficamos ali tomando chimarrão enquanto degustávamos o amendoim e conversávamos. A participante se dispôs a trazer, no próximo atendimento, uma receita pronta de paçoca (Escrita registrada no livro de registro, 02/04/2012).

“Confeção de bandeirinhas, correntes com objetivo de enfeitar a Sala de Espera; a recepção para a confraternização de São João” (Escrita registrada no livro de registro, 27/06/2012).

Participaram da Sala de Espera as estagiárias de psicologia, da nutrição e a tia de um usuário em atendimento. Como havíamos combinado fazer alguma atividade referente ao São João, fomos até a cozinha onde fizemos ‘paçoca’ que a acompanhante já havia dado a receita. Também fizemos pipoca, quentão e pinhão. A acompanhante pareceu gostar muito da atividade, interagindo com todos que estavam na cozinha, descontraída. Após o atendimento, o usuário juntou-se a nós (Escrita registrada no livro de registro, 25/06/2012).

Neste sentido, percorremos as escritas no livro de registro para uma melhor compreensão sobre este processo de criação, porém alguns relatos nos possibilitam identificar produção e potencialização da singularidade, nos quais, percebe-se uma troca recíproca entre os sujeitos; assim, em alguns momentos, os participantes têm transformado o tempo de espera em momentos inventivos. Talvez pudéssemos definir essa espera em potência de vida coletiva ou em biopotência. Nas palavras de Pelbart (2003), “a invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é potência do homem comum” (p. 112).

Nesta linha, entende-se que os seres humanos são atravessados e convivem com vários regimes de poder, o que configura um desafio para os trabalhadores na área da saúde, na tarefa de pensar e intervir neste campo. Adentrando para a cartografia, percebe-se que linhas de força vão se desenhando no cotidiano da Sala de Espera da CURES, talvez de forma criativa e inventiva, buscam desmontar as naturalizações produzidas pela lógica totalitária, presente no campo da saúde. Percebe-se que o poder que norteia as práticas de cuidado de certo modo reprime, mas também produz outros modos de cuidado que não os exclusivos sobre a doença.

Diante disso, percebe-se que o tempo na Sala de Espera da CURES vem se constituindo em um tempo aberto a possibilidades, no qual o diálogo, o silêncio, os olhares, sorrisos, lágrimas, atividades de arte e culinária que, em vários encontros foram desenvolvidos, tornam-se uma força, uma potência que extrapola a consciência. Um tempo de troca que talvez permita aos sujeitos conectarem-se com seu inconsciente, com a criatividade, com suas emoções, bem como possibilita retornar ao tempo, lembrando histórias de vida que foram de certo modo significativas.

Participaram da Sala de Espera o usuário, sua mãe, a estagiária de nutrição, as professoras e supervisoras. Interagimos numa roda de chimarrão e jogamos o jogo do UNO. Durante o atendimento do usuário, o motorista do município também veio à Sala de Espera. Enquanto aguardava o usuário, tomamos chimarrão e o mesmo relatou algumas vivências do grupo de escoteiros do qual faz parte; ao final fez o convite de participação ao usuário que demonstrou interesse na escuta, mas logo despediu-se. (Escrita registrada no livro de registro no dia, 28/08/2012).

Estes princípios sensíveis às histórias de vida podem ser entendidos como marcas subjetivas que o ser humano vai desenvolvendo no decorrer da existência, através das experiências, vivências, encontros e desencontros. Aqui, entende-se o sujeito primeiramente como um ser afetado, um corpo que sofre de suas *afecções*, de seus encontros, da alteridade que o atinge, dos estímulos que cabe a ele selecionar, evitar, escolher e acolher. Para Rolnik (1993), estas são as marcas, os estados inéditos que se produzem no corpo a partir das composições que os sujeitos vão vivendo. Em suas palavras:

O que o sujeito pode é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização, e quanto mais conseguem fazê-lo, maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência (p. 242).

As observações no espaço Sala de Espera da CURES, como também a análise dos escritos no livro de registro, nos têm revelado que é na prática inventiva que os sujeitos criam linhas de fuga, soluções e transgressões que não estão prescritas na teoria formulada de um determinado saber. Tampouco nas práticas antecipadas, mas através do diálogo, da informalidade, das trocas de experiências que dão sentido ao tempo de espera. Pensando a partir de Deleuze (1996), se pode entender que:

[...] linhas de fuga não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja, escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de endurecer para vedar as linhas de fuga (p. 78).

Ao olhar à espreita, entende-se que o espaço da Sala de Espera da CURES e os materiais contemplados permitem às pessoas que deste espaço se utilizam estarem sempre aprendendo a aprender, pois neste ambiente os sujeitos têm a oportunidade de desenvolver habilidades relacionadas à comunicação, interação e outras possibilidades. Assim, a Sala de Espera da CURES não se constitui apenas

como um espaço de espera, e sim um espaço que permite também a troca de conhecimentos, reconhecimento da realidade sócio-cultural, das crenças e a expressão dos sentimentos dos participantes.

Analisando o livro de registro, lendo e relendo os relatos, percebe-se em determinadas escritas a exigência de uma forma de vida, uma forma de espera, mas, talvez, uma forma sem forma e, precisamente, sem sede de verdade, de moralidade, de julgar ou ser julgado, mas uma forma presa ao molde normativo do tempo cronológico. Caberia então, aos estagiários, sujeitos escritores, tornarem-se protagonistas de sua espera, não apenas determinando a natureza dos processos em curso, mas igualmente sondando as forças subjetivas implicadas, suas vontades e desejos que recusam a ordem hegemônica e as linhas de fuga que forjam percursos alternativos. Como descreve Pelbart (2003):

Uma produção de subjetividade, algo que anuncia novas modalidades, talvez pós-humanas, de se agregar, de combater, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização e de autovalorização capazes de fazer os sujeitos 'sair do outro lado' do poder que os rege (p. 89).

Analisar a prática clínica, partindo da Sala de Espera da CURES, nos tem exigido pensar cada sujeito em seu estado singular, como também coletivo; algo que tem ampliado o olhar para além de possíveis doenças, sintomas ou patologias que possam ter levado o sujeito à Sala de Espera da CURES. Não se trata de reconhecer e buscar a cura na dimensão subjetiva da relação clínica, mas antes de aprender a lidar com o fluxo de afetos inerente ao tempo de espera e a estas relações. Desse modo, a Sala de Espera da CURES tem possibilitado trocas, experimentações, encontros que têm potencializado e dado suporte aos participantes, para que os mesmos a partir dos seus "casos" vividos, consigam elaborar os afectos e vínculos presentes na relação clínica do cuidado que faz parte do tempo de espera.

Participaram da Sala de Espera as estagiárias de enfermagem. Passaram pela sala três usuários e seus acompanhantes. No primeiro momento, o usuário sugeriu iniciar o jogo de cartas 'canastra', porém o jogo foi interrompido, pois o usuário foi encaminhado para o atendimento. Após, com outro usuário, foi iniciado o jogo de 'pega varetas'. No momento do atendimento os pais demonstraram interesse em conhecer um pouco mais os ambientes da Univates. No passeio foi mostrado o complexo esportivo, a academia, a piscina olímpica etc. Ficaram impressionados com tal estrutura. Na volta do passeio continuamos a conversa e a roda de chimarrão, além de contar com a presença de um novo usuário que jogou o jogo da

'memória', sugerido pela estagiária; e logo após convidamos ele para estreitar o twister (Escrita registrada no livro de registro no dia, 22/08/2012).

Portanto, na Sala de Espera da CURES, a flexibilidade, a fluidez, a criatividade, a inventividade, a pluralidade, a inconstância e a incerteza ganham espaço enquanto os sujeitos permanecem à espera, talvez do “tic tac” do relógio ou, quem sabe, entregues ao tempo do nada, a uma espera descontrolada, desorientada onde o tempo cronológico passa despercebido, anulado ou talvez quase esquecido. Em contrapartida, as ciências buscam certezas, verdades absolutas que deem conta da organização e funcionamento dos corpos, das mentes e das almas. Assim, o tempo de espera, neste espaço, pode possibilitar outras formas de se pensar os sujeitos e os modos de subjetivação; talvez um processo que suscite reflexões potencializadoras, despertando um olhar e uma escuta diferenciada para o processo dinâmico e flexível que envolve os sujeitos quando fala-se em saúde. Nessa lógica, a mistura entre corpos, a cada encontro na Sala de Espera da CURES, pode contemplar uma biopolítica não mais como poder sobre a vida, mas como potência de vida.

Segundo Pelbart (2003), a vida pensada como potência deixa de ser reduzida a sua definição biológica para tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular, energia, *corpo sem órgãos*. Talvez, através do tempo de espera passa-se intensificar os estalos, as rachaduras, a partir da biopotência dos corpos. Nessa pesquisa, a biopotência é pensada como virtualidade desmedida, como poder expansivo de construção ontológica e de disseminação. Não se trata de transmitir uma doutrina, mas experimentar um feixe de ideias que possam surgir quando se está à espera de qualquer coisa ou entregue ao viver juntos. “Não o viver-a-dois conjugal, nem o viver-em-muitos, segundo uma coerção coletivista, mas algo como uma solidão interrompida de maneira regrada, um pôr em comum distâncias” (PELBART, 2003, p. 37).

Contudo, estar à espera pode ser pensado como estado comum, ao mesmo tempo como imanente e em construção. Ou seja, por um lado já está dado, a exemplo do comum biopolítico, e por outro está por construir, segundo a potência que o corpo de cada sujeito pode engendrar. Diante disso, a mistura de corpos que esperam na Sala de Espera da CURES têm-nos falado de potências singulares,

retorna-se ao corpo naquilo que lhe é mais próprio: sua capacidade no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças externas.

As articulações que têm surgido a cada encontro têm-nos possibilitado pensar em um processo de criação e recriação constante, uma multiplicação de saberes que surgem a partir do olhar, da escuta sensível, mas principalmente do respeito ao ser, ao saber e ao tempo do outro nesse estado de espera. Como outro, o usuário, familiar, estagiário, enfim, todo aquele que deseja encontrar-se e complementar-se a partir das vivências, experiências e trocas na Sala de Espera da CURES. Destaca-se que todo encontro resulta deste poder de afetar e de ser afetado dos existentes, sendo que alguns produzem um aumento de potência dos corpos, enquanto outros produzem uma diminuição da potência de agir dos mesmos. Além disso, a potência dos corpos para agenciar e para se efetuar é o que os torna livres. Sendo assim, a liberdade de um corpo não tem nada a ver com outro corpo, mas revela-se na potência que cada um tem para atualizar seus afetos. Fuganti (2008) vai buscar nos estoicos a possibilidade de entender que a liberdade se concretiza quando um corpo efetua sua potência ou suas qualidades e se mantém impassível diante do que acontece. Em suas palavras:

Os estoicos, diversamente afirmam que essas qualidades são potências primeiras, livres, que atravessam nosso próprio corpo, forças desprovidas de modelo, e não pertencem a nenhuma ideia. Um corpo não deve imitar um modelo ou obedecer a um fim, ele faz aquilo que pode e que o torna alegre, aquilo que aumenta sua capacidade de agir e pensar (FUGANTI, 2008, p. 73-74).

O pensamento dos estoicos nos tem permitido pensar a Sala de Espera da CURES como espaço potencializador de singularidade, no qual a mistura contínua de corpos e vozes despertam uma relação permanente onde são produzidos encontros. A mistura entre corpos são potências em devir, estados de afetar e ser afetado. Para os estoicos (FUGANTI, 2008), as boas e as más misturas entre corpos não nos servem para determiná-los como bons ou maus, mas, depende sempre da relação que se estabelece a cada encontro, a cada acontecimento.

Participaram da Sala de Espera as estagiárias de enfermagem, psicologia e uma supervisora, junto com a tia de um usuário em atendimento. Foi realizada uma atividade de alongamento, tendo bastante participação da acompanhante. Após, realizamos uma roda de chimarrão com a presença de uma estagiária da nutrição. No segundo momento, estivemos na Sala de

Espera com a filha de uma usuária em atendimento onde confeccionamos um desenho que a mesma vai pintar em casa; jogamos também o jogo 'UNO' (Escrita registrada no livro de registro no dia, 18/06/2012).

Tateando os relatos, verifica-se que os sujeitos tornam-se uma força dentre as múltiplas forças colocadas em jogo no campo pesquisado, ou seja, os mesmos têm escolhido participar ou não da Sala de Espera. Daí a necessidade da *Ética* de Spinoza como potência de selecionar os encontros que fortalecem, evitando os que enfraquecem. Ao falar sobre ética, nos deparamos com a dimensão singular que se instala a partir da mistura entre corpos e acontecimentos. Entende-se como potência, como capacidade singular de escolha, num tempo onde se vive a superexposição a estímulos que canalizam os movimentos de maneira controlável. Deste modo, talvez o sujeito que - ao ser convidado a conhecer e esperar em uma sala que não o *hall* de recepção, um espaço desconhecido e até então inexistente nos serviços de saúde - se manifeste desfavorável ao convite, queira nos direcionar não a um estranhamento, mas a uma potência de escolha ativa. Neste sentido, Fuganti (2008) ensina que:

A ética, para os estoicos é uma potência ativa que emerge no corpo, para administrar a própria vida de dentro, e não um conjunto de proibições e deveres introjetados pelo indivíduo, a partir dos modelos e prescrições produzidas por instâncias externas (p. 67).

Portanto, o bom ou mau encontro resulta da liberdade ética do poder de afetar e de ser afetado dos corpos. Alguns encontros levam a um aumento de potência dos corpos, enquanto outros produzem uma diminuição da potência de agir dos mesmos. Sob este prisma, Spinoza, apud Deleuze (1970) ensina que a potência é a própria essência dos seres, é o seu poder de ação. Neste sentido, os corpos se relacionam, e isto porque todo corpo tem o poder de *afectar* e de ser afetado. Deleuze e Guattari (1997) apresentam os afectos, de Spinoza, como devires e questionam aquilo que o filósofo questionou: o que pode um corpo? Corpo submetido a paixões, corpo feito de relações, intensidades, transformações que dependem de relações com outro corpo para aumentarem ou diminuïrem a sua potência.

Também Deleuze e Guattari (1997), a partir de Spinoza, descrevem que, quando somos atravessados pelos bons encontros, nos potencializamos e

expandimos nossa existência, enquanto os maus encontros nos deixam no mesmo lugar, no mesmo território e, de certa forma, reproduzindo práticas instituídas, cristalizadas, desconsiderando e anulando a potência de liberdade e de criação. Neste sentido, verifica-se que muitos dos participantes da Sala de Espera da CURES têm escolhido vivenciar as paixões, encontros, criações, intensidades e transformações.

“Hoje a tia do usuário trouxe uma receita de maionese caseira que será colocada no livro de receitas” (Escrita registrada no livro de registro, 07/05/2012).

Portanto, o livro de registro, mesmo que de forma incipiente, nos tem mostrado que um corpo pode muito quando o mesmo permitir escolher, conhecer quais são os afectos que circulam por ele, como ele se compõe com outros afectos, como o corpo mobiliza e potencializa ações e paixões para assim compor um corpo mais potente, mais vibrátil, cheio de múltiplas intensidades. Seguindo Deleuze e Guattari (1997), se pode pensar que a cada relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, que agrupa uma infinidade de partes, corresponde um grau de potência. Assim, as relações que compõem um corpo, que o decompõem ou o modificam, correspondem às intensidades que o *afectam*, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes.

Assim sendo, o tempo Sala de Espera da CURES tem sido um momento fundamental para pensar sobre a singularidade que o processo de adoecimento adquire para quem demanda atenção, bem como, as linhas de força que o estão determinando, de maneira a poder, talvez, se pensar em estratégias de criação que possam mudar esse processo. Trata-se de um momento em que o sujeito se apresenta com as marcas de seu viver e onde falas e gestos fazem parte de uma complexa comunicação. Portanto, *afectar* e deixar-se *afectar* por esse espaço, requerem dos sujeitos sensibilidade, escuta e uma capacidade de abrir-se para os movimentos da vida.

6 VIDA EM CENA: ENQUANTO SE ESPERA NA SALA DE ESPERA

“Pensar sempre o inesperado, esculpir um gesto, abandonar as formas familiares. De resto, uma certa obstinação” (MUNHOZ, 2009, p. 74).

Imagens, imaginação, nessa pluralidade de cérebros, de corpos misturados, de afetividades conectadas, de olhares que se encontram, se desencontram, palavras que entoam esperança, esperança e esperança entre risos, choro melancólico, rostos embotados, silêncio, enquanto o pincel dança em um tom de alegria aí embutido, um certo caráter de riqueza vem à tona. Cenário montado, vai-e-vem de personagens, a cada dia uma cena, um poema, uma fala, um diálogo quando o medo, a desconfiança, a timidez ou o chimarrão não calam. De fato, temos a impressão que a cada encontro nasce o novo, entoam-se vozes, enquanto a espera deixa de ser espera e torna-se a diferença, a multiplicidade, a diversidade, um gracejo ao fluxo livre.

Analisar o tempo de espera nos tem possibilitado identificar que os encontros mais potentes são aqueles que justamente deslocam os sujeitos de seus lugares comuns, que produzem um certo tipo de embaraço, que desnaturalizam o circuito daquilo que é esperado e que jogam as subjetividades para uma zona de desconforto. Somos incomodados porque um encontro nos faz experimentar o inédito em nós, o pequeno fragmento inexplorado de nós mesmos, a parcela de intensidade ainda não experimentada, a pequena sensação que não se prestou ao esgotamento de uma palavra, de uma piada, do compartilhar de estar vivo. Desse modo, esperar não é um exercício de submissão, mas um exercício de vida, de experimentação, de tal forma que a distinção entre os sujeitos torna-se menos

importante. A partir disso, o que se desenha é a capacidade de cada um em descobrir seu potencial, “sua vitalidade mais própria e visceral, sua ‘alma” (PELBART, 2003, p. 98).

Neste sentido, a Sala de Espera abriu-se a outros modos de cuidado e interação com os sujeitos. “Boa tarde!” “Bom dia!” “Tudo bem?” “Sinta-se à vontade! Se desejar, sinta-se convidado a conhecer, participar e fazer parte do espaço Sala de Espera”. Olhares de estranhamento surgem de soslaio. “Pode ser!” “Não, prefiro esperar aqui (Sala de Recepção)”. “Não quero falar com ninguém.” “Como é bom ter com quem conversar enquanto se espera!” “É a primeira vez que vou a um serviço de saúde com uma Sala de Espera assim!” “Como é legal aqui, a hora passa sem a gente perceber!” “Se é preciso esperar, que diferença faz esperar aqui (sala de recepção) ou nessa outra sala?” O imprevisto tem desacomodado, o desvio do estabelecido e o diferente têm gerado desconforto, resistência; porém gestos, comentários que surgem entre um atendimento e outro têm possibilitado outros modos, um novo sentido para se viver a espera. Segundo Oliveira e Fonseca (2007), viver o desvio do estabelecido é:

[...] viver na ordem da imprevisibilidade, do risco; ver a vida onde ela acontece, vinculada não à vida produtiva, mas à produção da vida. Precisa-se partir da desnaturalização das leis de normalidade; investir na potência de transformar o sofrimento em algo criador; e dar visibilidade a outros encontros, outros modos de subjetivação que afirmem a vida com toda sua adversidade (p. 135).

Assim, a Sala de Espera da CURES tem possibilitado encontros que escapam à conservação do saber-poder, do corpo organizado, rompendo de certo modo com o conformismo, com a reprodução das práticas fragmentadas, visando linhas de fuga e ações desejantes entre os participantes. No entanto, em análise aos registros diários da Sala de Espera, verifica-se também aqueles participantes que, preferem esperar na sala de recepção sozinhos e em silêncio. Podemos pensar esta escolha como uma potência de escolha ativa, pois os mesmos decidem por seus encontros, ou talvez, podemos pensar que os mesmos encontram-se em uma bifurcação, acreditando no sistema político das representações fundamentado em verdades exclusivas, presas aos moldes normatizados e disciplinados, ao tempo onde estar a

esperar é viver na inutilidade, na angústia, na impaciência, ou seja, esperar é desperdiçar a vida, cujo tempo de criação, experimentação e invenção são negados.

“Não foram desenvolvidas atividades na sala de espera pois o único participante do momento preferiu ficar na sala de recepção” (Escrita registrada no livro de registro, 28/03/2012).

“O pai do usuário não quis entrar na sala; já a mãe permaneceu por pouco tempo; preferiram ficar sentados em silêncio na sala de recepção” (Escrita registrada no livro de registro, 11/04/2012).

Percorrendo de forma sublime o tempo de espera que delinea os relatos no livro de registro, verifica-se que a Sala de Espera da CURES tem possibilitado outros modos de viver e pensar saúde, algo que incita um estilo ensaísta, que tem permitido de certo modo a potencialização dos sujeitos enquanto esperam. Isso nos remete à ideia da singularidade de cada sujeito, cuja saúde exprime os poderes que o constituem, ou seja, sua capacidade peculiar de dar resposta ao que está exposto. Essa capacidade não significa simples equilíbrio, adaptação ou conformidade com o meio. É muito mais do que isso, uma vez que saúde implica na possibilidade de instituir novas normas em situações novas.

Rastreando o tempo de espera, percebe-se que no demarcar dos ponteiros o relógio delimita o horário de atendimento, quem atende está a espera. O silêncio é interrompido, através do transporte: há os que chegam e os que saem. Os motoristas muitas vezes permanecem a espera de meninos, meninas, pais, mães, avós e tias que vem a CURES talvez na esperança de solucionar suas dificuldades, seus problemas. A partir daí, a presença de cada um vai ganhando múltiplos sentidos, ao sabor das associações pessoais de cada um. Essa multiplicidade tem relação com o conjunto de singularidades, com o coletivo que cada sujeito incorpora e expressa de um modo singular.

“A singularidade é essencialmente pré-individual, não-pessoal, aconceitual. Ela é completamente indiferente ao individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral” (DELEUZE, 2006, p. 55).

Analisar o tempo de espera a partir da dimensão do singular nos exige pensar no conjunto de singularidades, no sujeito que se constitui no “entre” o individual e o coletivo. Cada sujeito torna-se a expressão de sua cultura, de uma determinada época, política, família, inconsciente. Portanto, cada sujeito é único e múltiplo ao

mesmo tempo, já que a constituição de si passa por todos os encontros que ele faz com o mundo. Nesta lógica, podemos articular o quanto as forças exteriores – as necessidades contextuais, a cultura, os valores, o meio social, a mídia, o capitalismo, a religião, e, e, e, compõem o sujeito. O que significa que o ser humano, além de ser singular, é atravessado e capturado por forças que o tornam transversalizado e multirreferenciado. A transversalidade promove o encontro e a circulação entre as contradições e as ideias divergentes, de forma que esta comunicação não busque, necessariamente, uma igualdade, mas, talvez, as multiplicidades.

Verificar esses atravessamentos a partir da espera tem exigido pensar no quanto o sujeito é composto por diversas outras instituições, supondo uma desnaturalização dos modos de ser, pensar e estar no mundo. Transversalizar é promover a troca, o encontro entre as diferenças, entre as multirreferências que nos direcionam às múltiplas fontes, às múltiplas instituições que formam a trama social ou as múltiplas instituições que referenciam cada sujeito. Assim, pode-se pensar que a mistura de corpos e vozes na Sala de Espera da CURES contemplam a complexidade, a multiplicidade social que rodeia cada participante, pois esse, além de ser influenciado pelas circunstâncias, também as influencia e modifica, as constrói e reconstrói a si mesmo, incansavelmente.

Por um lado, a mistura dos corpos, por outro, a mistura de vozes; é neste hiato que a espera ganha performance, tornando, talvez, a Sala de Espera na poética desmedida das singularidades. Mas nada é tão óbvio; o livro de registro e os desenhos que tecem um colorido na sala de espera têm auxiliado para uma análise ainda mais precisa sobre o que vem a ser a Sala de Espera da CURES - ao se propor cuidado humanizado em um processo múltiplo, complexo e heterogêneo e que nos traz a produção e potencialização dos sujeitos e, desta maneira, outras formas de pensar as práticas de cuidado em uma sociedade multirreferenciada.

Adentrando a Sala de Espera da CURES, percebe-se um lugar onde se produz cuidados, subjetividades mais livres, espaço social de convivência, sociabilidade, solidariedade e inclusão. Um lugar possível de se articular o particular, o singular do mundo de cada sujeito, com a multiplicidade, com a diversidade de possibilidades e invenções que possam ser pensadas no processo clínico. Assim,

pode ser pensado como espaço possível de criação, no qual o tempo de espera pode tornar-se potência entre as diferenças singulares, ou seja, a maneira de ser e sentir dos sujeitos entra em movimento de irradiação contagiando e *affectando* os corpos.

Entre as anotações e palavras que têm feito parte da trajetória dessa pesquisa, denota-se que escutar a diferença tem exigido dos estagiários despir-se do seu saber, de julgamentos morais e entregar-se ao desconhecido. No entanto, através do censo comum verifica-se que essa é uma tarefa difícil, pois a tendência natural do ser humano é falar e não escutar, sendo que para cada situação se busca sempre dar uma resposta, um conselho ou uma forma de agir. Pode-se dizer que este perfil não combina com a Sala de Espera da CURES, pois a escuta neste cenário é parte fundamental para que potências singulares possam ser despertadas, promovendo e intensificando os momentos de criação que têm surgido enquanto os sujeitos esperam. Talvez, o escutar-se, o conhecer-se e o aprender juntos, possibilitam aos participantes opinar, dar sugestões, propor algo novo, diferente, ou seja, manifestar seus desejos. Nesse cenário nada é estanque, mas vive-se um estado de modelagem constante, conforme as experimentações vão acontecendo. Adentrando o livro de registro percebe-se que cada momento descrito tem uma intensidade única, pois os mesmos – registros – nos possibilitam pensar na intensidade de quem escreveu e do seu estado de afetação.

7 ESPAÇO DE VOZES PERDIDAS, ENTRE UMA CENA E OUTRA

Cada um dos seres que comparece em cena carrega no corpo frágil seu mundo gélido ou tórrido... Uma coisa é certa: do fundo de seu isolamento pálido, esses seres pedem ou anunciam uma outra comunidade de almas e corpos, um outro jogo entre as vozes...” (PELBART, 2003, p. 145).

O emaranhado de vozes, de corpos que se misturam na Sala de Espera da CURES trazem à tona, a cada encontro, a incompletude dos sujeitos que estão à espera. Segundo Barros (1998), a maior riqueza do homem é a sua incompletude. Em suas palavras: “Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros” (BARROS, 1998, p. 79).

No decorrer da vida se vive à espera de algo, atendimento, encontro com amigos, a estação do ano preferida, por alguém desaparecido, por uma data comemorativa, espera-se passar de ano, no vestibular, no concurso, na fila do banco, no correio, no posto de saúde, espera-se durante a gravidez, há os que esperam o fim da miséria humana, da guerra, da corrupção, das drogas e da violência. Com o passar do tempo, muito se espera, pois existe a “esperança” de que tudo vai passar, que a vida vai melhorar, que o verdadeiro amor vai chegar e assim, talvez, chegar a um final feliz. O tempo passa, e com ele anos, meses, semanas, dias, horas, minutos, segundos, vivendo-se infinitos encontros. Assim, na incompletude “encontram-se milhões de corpos, desses passa-se a desejar

centenas, mas dessas centenas espera-se, ama-se apenas um” (BARTHES, 1981, p. 146).

Espere por mim! Tenha “esperança”, os males que o afligem vão passar! A felicidade um dia vai chegar, basta ter paciência e esperar! Talvez, na “esperança” o ser humano busque forças para manter-se à espera, pois a “esperança é a última que morre”, ela é o presente dos deuses aos seres humanos de bem! Encontra-se no vaso da felicidade que nos foi deixado por Pandora; porém Nietzsche (2000) faz um alerta: “Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. Para isso lhes deu a esperança: ela é, na verdade, o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens” (p. 63).

De certo modo, o sujeito é ainda capturado por este modo de pensar escravo, assumindo muitas vezes este papel sem perceber a existência de outros modos – ou sem questioná-los – permitindo, muito possivelmente, o recalque, a negação, a sublimação de seu desejo. Talvez, a esperança não permita aos sujeitos descortinar, sair de seu estado de adormecimento interno, lugar esse, que mantém viva a chama do *espírito-livre*, onde as dobras do dentro e do fora se movimentam em forma de *transdução* causando assim estados de *afecção*, irradiação e contágio entre uma cena e outra.

Tu, que com dardo de fogo despedaçaste o gelo de minha alma, que agora reverberante se apressa para o mar de sua mais elevada esperança; sempre mais luminosa e sempre mais saudável, livre na obrigação mais amorosa – assim é que ela louva teus prodígios, tu, o mais belo dos janeiros! (NIETZSCHE, 2006a, p. 86).

“Era para ser um dia como os outros, vários atendimentos agendados. A passos lentos caminha-se pelo corredor. Ainda é cedo. Parece não haver ninguém na Sala de Espera da CURES, apesar das luzes estarem acesas. O silêncio é interrompido por uma voz que ecoa pelas paredes, “quero brincar”. O relógio indica oito horas, uma criança bate à porta, quer entrar na Sala de Espera. Manifesta o desejo de brincar, desenhar, pintar e montar com material reciclado um jacaré. A mãe tenta controlar a situação, abraçando-o e conversando, porém não consegue, a criança grita: “sai daqui”; a mãe se embaraça, se atrapalha, fica nervosa. O espírito-criança pedindo passagem se põe a chorar. Estagiários e supervisores entram em cena, sentam-se sobre o tatame, conversam, e juntos com a criança montam e desmontam castelos. O tempo de espera vai passando, um ar de alegria toma conta do espaço, a criança caminha livremente; sai da Sala de Espera, caminha pelo corredor da CURES, volta à Sala de Espera, senta-se à mesa, desenha, rabisca, conversa, sorri, enquanto espera pelo horário de seu atendimento.”

Neste cenário, percebe-se o desejo, a vontade da criança em conquistar a sua própria liberdade de criar e recriar. Para Nietzsche (2006b), “a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, primeiro móbil, afirmação santa” (p. 24). Assim, a vontade liberta porque a liberdade é criadora, sendo que para conquistar a sua própria liberdade e o direito sagrado de dizer não, mesmo ao dever, a criança, através do choro, demonstrou ter a coragem de um leão. Essa “santa afirmação”, esse “querer conquistar seu mundo” é aceitar os riscos da vida, aceitar que a vida é inerente ao sofrimento e que podemos vivê-lo produzindo novos significados que possam produzir transformações, bons encontros, na vida dos sujeitos.

Através dessa cena, a Sala de Espera da CURES pode ser entendida como um constante trabalho de tecelagem que convoca a todos os sujeitos, cada um no seu lugar singular, a serem agentes ativos nesse processo de fiação, saindo da posição de anulados e passivamente assistidos para a condição de protagonistas, seres pensantes, desejantes e criativos. Este espaço de tecimento de cuidado, vem se formando a partir do movimento de cada sujeito em cada cena. Assim, a singularidade é reconhecida no seu lugar ativo. Como se estivéssemos num coral, onde cada naipe possui seu tom de voz, ou seja, algo que é exclusivo seu, mas que necessita se misturar com os outros para tornar o canto significativo. Assim, todos são protagonistas de sua história, e, ao mesmo tempo, da invenção de outros modos de cuidado. Nesse sentido, a Sala de Espera da CURES pode ser pensada como espaço (onde são identificados, traduzidos os discursos, as produções, as intervenções) que emoldura, organiza todo o percurso, não só de cuidado, mas de novas possibilidades de se pensar saúde a partir do tempo de espera. Seguindo essa lógica da fiação, se percebe que em cada encontro surgem relações de confiabilidade, acolhimento, escuta, vínculo, responsabilização e comprometimento entre todos.

Passaram-se oito dias; um novo encontro entre os mesmos, a roda de chimarrão faz parte do encontro entre os participantes no pátio da CURES; combinações para próxima semana, usar a cozinha para fazer negrinho (sugestão dos usuários) e no encontro seguinte aprender com a estagiária da nutrição fazer um bolo salgado. O atendimento chega ao seu término, porém continua-se a espera do transporte que logo pode chegar, como também pode demorar, jogo de moinho passa ser a proposta do usuário e o grupo (Escrita registrada no livro de registro 23/04/2012).

Desse modo, ao adentrar o campo de pesquisa fomos surpreendidos pelos devires. Também nos foi possibilitado analisar quais outras formas de cuidado podem ser incluídas nos serviços de saúde, partindo da Sala de Espera da CURES. Como o efeito de tais práticas atua na produção de subjetividade ao falarmos de seres incompletos e únicos. A Sala de Espera da CURES, pensada como espaço possível de cuidado, nos tem revelado uma produção nos modos de ser, agir e existir dos participantes, onde cada um tem escolhido o que deseja fazer enquanto espera. Desse modo, a liberdade de um corpo não tem nada a ver com outro corpo, mas revela-se na potência que cada um tem para atualizar seus afetos.

Para Fuganti (2008), potências são forças desprovidas de modelo e não pertencem a nenhuma ideia. “Um corpo não deve imitar um modelo ou obedecer a um fim, ele faz aquilo que pode e que o torna alegre, aquilo que aumenta sua capacidade de agir e pensar” (p. 73-74). Diante da mistura de corpos e vozes, percebe-se que cada participante carrega sua história, seu saber, seus desejos. Por isto, buscou-se analisar o tempo na Sala de Espera como um tempo que potencializa as trocas, experimentações, dando suporte aos participantes para que os mesmos possam exercitar, a partir dos seus “casos” vividos, uma elaboração sobre os afetos e vínculos presentes na relação clínica do cuidado. Assim, considerando as necessidades dos sujeitos, a Sala de Espera da CURES vem possibilitando e contribuindo com um acolhimento e uma escuta humanizada. Nesta direção, tem funcionado como “espaço e tempo potencial”, sendo um território onde ocorrem trocas.

8 TECENDO UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE SE ESPERAR

“Lembrança. Reminiscência feliz ou dolorosa de um objeto, de um gesto, de uma cena, ligados ao ser amado [...]” (BARTHES, 1984, p. 140).

Tivemos uma viagem maravilhosa! Espero muito pelo dia em que lá vou poder novamente voltar para rever amigos, parentes, tios e tias. O tempo passou, mas as lembranças se fazem presentes, guardadas em minha mente, ou nessa fotografia que lá tirei um dia! Essa fotografia desperta saudade do lugar onde cresci, aprendi a trabalhar e amar. Há muito tempo estou esperando por um telefonema, um e-mail, uma carta, um convite daquele que amei um dia. O tempo passou, mas continuo a esperar um dia naquele lugar poder voltar (Relato diário de bordo que tem acompanhado a pesquisa).

Essa cena do tempo trazida para a Sala de Espera da CURES é exatamente o oposto da procura do tempo perdido, é a revelação de um tempo amoroso, no qual a pessoa que fala, relembra, espera e deseja um dia poder voltar. Poderia-se pensar que a Sala de Espera da CURES tem possibilitado aos sujeitos relemburar, comentar ou relatar sobre um tempo, que de certo modo lhe foi significativo. Segundo Barthes (1984),

[...] lembranças posteriores é a anamnésia que reconstitui detalhes, como se o sujeito só lembrasse apenas do próprio tempo e nada mais, é um perfume sem suporte, um grão de memória, uma simples fragrância, alguma coisa como um gasto puro, que não é recuperado em nenhum destino (p. 140).

Assim, se pode pensar que o livro de registros guarda memórias, memória de quem escreve, relata as misturas de corpos e vozes que a cada encontro se movimentam entoando outros modos de se pensar a saúde a partir da Sala de

Espera da CURES, espaço no qual cada encontro torna-se único, como cada sujeito é único em sua singularidade. Nessa lógica, as particularidades vão surgindo aos poucos, ou na medida em que a base de confiança vai se estabelecendo entre os participantes. Portanto, a forma como os sujeitos são acolhidos e escutados, parece facilitar a criação de vínculos; além disso, o acolhimento e a escuta não têm sido apenas procedimentos, mas um estado de reconhecer-se como sujeitos que sabem de si, demonstrado disponibilidade em traduzir a partir do encontro, das experiências vividas o que pode ser produzido enquanto se espera.



Figura 4 - Desenho de um usuário. Fonte: Da autora.

O espaço pesquisado denuncia que um estado de arte tem feito parte da comunicação, como também dos dias e momentos vividos na Sala de Espera. Os desenhos que enfeitam e dão um aspecto colorido ao local, as trocas e a elaboração de receitas junto da cozinha da CURES, as histórias de vida lembradas através de fotografias trazidas pelos sujeitos. Histórias que levam o pensamento ao passado, talvez a um tempo que foi significativo, a uma viagem inesquecível, à saudade de um amor perdido, a uma dor, que apesar do tempo, continua doída.

A fotografia apresenta-se como uma linguagem não verbal que se situa para além do entendimento discursivo do testemunho enquanto verdade ocular; para além da verdade e da mentira, do bem e do mal [...] (VILELA, 2010, p. 325).

O lembrar através da fotografia nos possibilita pensar na necessidade do sujeito em voltar mentalmente ao tempo para vivenciar algo que foi bom, significativo, que desperta saudade ou para reconstruir o que ficou perdido. A fotografia nos fala daquilo que as pessoas vivenciaram, daquilo que as tocou ou as toca, de sentimentos, de um determinado tempo. Além disso, direciona os sujeitos a uma troca, à criação de vínculos, a um estado de escuta através do olhar, a uma entrega, a uma recordação, pois a mesma - fotografia - traz em si uma parte do sujeito. Para Barthes (1981), a fotografia, mais especificamente a máquina fotográfica, guarda e revela um tempo. “Para mim, o barulho do tempo não é triste; gosto dos sinos, dos relógios [...] as máquinas, no fundo, eram relógios de ver, e talvez em mim alguém muito antigo ainda ouça na máquina fotográfica o ruído vivo da madeira” (BARTHES, 1981, p. 30).

Nesta lógica, a fotografia revela um momento no qual o sujeito, por alguns segundos, permaneceu à espera do clicar da máquina fotográfica. Pode-se pensar que a fotografia, além de comprovar algo que aconteceu em determinado momento, permite ao sujeito questionar aquilo que está posto e que muitas vezes nos passa despercebido. Nesse estado de compartilhamento que tem feito parte dos encontros, percebe-se que de espera em espera os participantes têm construído uma associação de ideias que povoam seus sonhos, desejos e talvez fantasias.

O tempo de espera nos direciona a uma construção coletiva de singularidades a partir das criações, acontecimentos que surgem através das particularidades de cada participante. A formação desse espaço - Sala de Espera da CURES - envolve um processo de construção, passo a passo, de uma ambiência protetora e receptiva entre os integrantes. Destaca-se que a produção de uma ambiência satisfatória é essencial para que os sujeitos possam se expressar de maneira mais livre. O estímulo às trocas de experiência tem se revelado uma importante ferramenta para ampliar a capacidade dos participantes lidarem com seus problemas.

Talvez, nas atividades, no diálogo, nas trocas de experiência, os sujeitos consigam encontrar um modo para preencher o vazio enquanto esperam, deixando de monitorar constantemente o tempo. Desse modo, o tempo de espera pode produzir deslocamentos, colocando em questão as práticas em saúde, explorando territórios inusitados, encontrando modos mais genuínos de exercitar a singularidade, abrindo-se para o devir e para a multiplicidade, para os acontecimentos ou mesmo, como se verifica na Sala de Espera da CURES, para um modo de expressão artística. Um corpo, uma mente, um sujeito, artista, que devaneia enquanto espera, traçando no quadro, no papel, outros modos de ser e existir. Pode-se pensar que o tempo de espera tem possibilitado aos sujeitos a expressão de si através da arte informal, cujas numerosas variações encontradas se opõem a todo princípio geométrico, ao intelectualismo e ao superficialismo estético. Nesse sentido, Silveira (1981) destaca:

Arte informal é um fenômeno complexo, pluridimensional - a vontade de romper com a tendência que lhes parecia opressora, autoritária, esterilizante. À geometria rígida, o artista informal opunham-se as formas irregulares, à composição refletida, a improvisação e o acidente, à determinação o indeterminado (p. 201).

Pode-se então pensar as criações que tecem um colorido na Sala de Espera da CURES como expressões plásticas, isto é, uma arte que não leva em conta as convenções acadêmicas estabelecidas, quaisquer rotinas da visão naturalista e fotográfica, ou ainda as fáceis receitas de escola, mas uma arte que pertence a todo ser sensível.

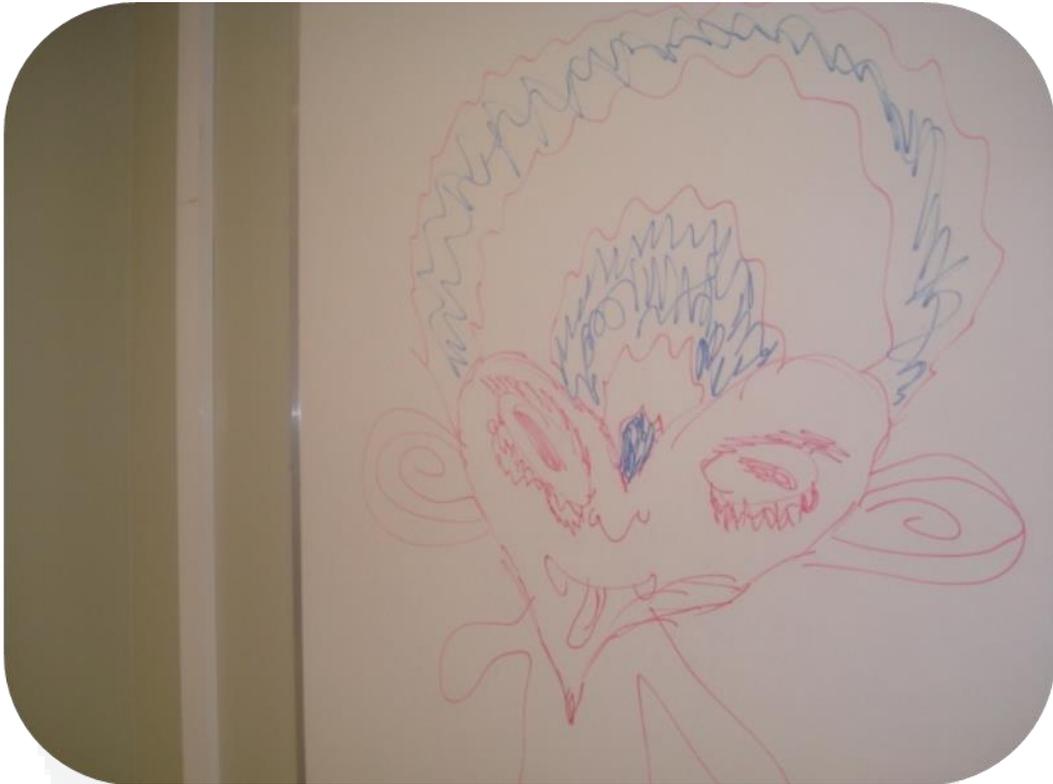


Figura 5 - Desenho pintado no quadro na Sala de Espera da CURES. Fonte: Da autora.

A arte pensada aqui não é a que busca formas, assimetria, beleza, mas a expressão de arte dos sujeitos, onde o desejo transborda, o pensamento se comunica com o pincel e a tinta vai dando vida aos sentimentos, trazendo à tona algo de singular, de prazer ou desprazer, de alegria ou tristeza, enfim, uma arte que possibilite aos sujeitos se manifestarem sem medo de errar. Um caminho, talvez, para a afetividade, para a sensibilidade, para tudo e sem rótulos que determinem uma divisão de certo ou errado. Desse modo, os diferentes desenhos, pendurados na Sala de Espera da CURES, nos direcionam a pensar em uma singularidade artística capaz de problematizar modos de ser e estar no mundo, possibilitando a criação de novos sentidos, bem como a expansão da própria vida. Assim, têm-se a possibilidade de analisar que outras formas de cuidado podem ser incluídas no serviço, partindo da Sala de Espera da CURES, bem como o efeito disso na produção de singularidade.

Não é fácil ser um homem livre; organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, entregar-se à diferença, às multiplicidades, escutar a sua história, fugir das falas que torturam, buscar na dor um sumo de alegria, ver no

tempo de espera uma potência, um fenômeno vital; “fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 75).

Talvez seja através do desenho que o sujeito consiga dar linguagem aos sentimentos pessoais, falar do presente, remeter-se ao passado, ou projetar-se a um futuro. O desenho como uma via de acesso, talvez a um estado inconsciente que torna possível dizer através da arte de desenhar, do jeito de pintar, aquilo que se passa em vida. Enfim, percebe-se que o papel autoriza o pensamento através dos traços dizer, revelar aquilo que dói, aflige, que pede passagem para ser visto, admirado e talvez valorizado como potência de vida e produção de saúde.



Figura 6 - Desenho criado e pintado por usuário. Fonte:Da autora.

Assim, cada desenho traz em si uma singularidade, que comunica, informa, reconhece ou simplesmente busca amenizar o tempo de espera. As criações existentes na Sala de Espera da CRUES nos permitem pensar no tempo de descobrir-se, de vir a ser, da existência, do virtual, dos possíveis ainda não criados e atualizados, da imprevisibilidade, da potência de transformações. Destaca-se que o

espaço pesquisado tem, de certo modo, possibilitado aos sujeitos tornarem-se protagonistas enquanto esperam. Assim, a arte de desenhar, criar, trocar, se misturar, enquanto seres que estão à espera, indica a capacidade de potência que um sujeito possui e pode expressar na Sala de Espera da CURES, via movimento e experimentações. Entende-se que a mistura de corpos e vozes têm possibilitado aos participantes se entregarem, se envolverem e se mobilizarem para a reconstrução do fazer, do criar, do descobrir, do aprender e do inventar. Assim, a expressão da arte, das experimentações, passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pela garganta, pelas mãos; e pensa e recorda e sente e observa e escuta e fala e experimenta e não recusa nenhum momento essencial do processo poético que possa surgir enquanto tempo de espera. Pode-se pensar a expressão artística como um dos recursos para o alcance do desbloqueio e o aflorar dos sentimentos e da expressão, no que se refere ao contato com o novo, com o desequilíbrio, com o desafio que surge a cada encontro, com a diferença e suas multiplicidades.

9 SALA DE ESPERA DA CURES: ONDE A RELAÇÃO DE VÍNCULO E A CRIAÇÃO COMEÇAM, A ESCRITA TERMINA...

“Tu que com um dardo de fogo despertaste o gelo de minha alma, que agora reverberante se apressa para o mar de sua mais elevada esperança: sempre mais luminosa e sempre mais saudável, livre na obrigação mais amorosa – assim é que ela louva teus prodígios, tu, o mais belo dos janeiros!” (NIETZSCHE, 2006a, p. 86).

Esperar, escutar e escrever, escrever para registrar, comprovar, delirar, se policiar, se permitir extrapolar, assim possibilitando a quem ler criar um cenário imaginário. Desse modo, cada relato, através das palavras nobres, palavras pobres, palavras científicas têm-nos revelado o que de certo modo ocorre entre os sujeitos na Sala de Espera da CURES. Também, têm-nos possibilitado pensar sobre o movimento entre estagiários, escrita e a escuta. Cada encontro, um encontro; cada registro, um registro, assim, nessa lacuna entre encontro e escrita, o processo de escuta se movimenta, e o pensamento se afina, revelando particularidades, talvez de sentir, escutar e observar de quem escreve.

Na segurança dos compassos ritmados, talvez, quem descreve a mistura entre corpos e vozes queira denunciar o que corpo sente, os olhos veem, o pensamento entende; mas também fazer pensar como a escuta se entrelaça à escrita. Nesse sentido, ao ler cada registro pode-se pensar em modos diferentes de afetação por parte de cada estagiário escritor. Cada linha denuncia uma experiência não-dogmática, experiência em que se pode escutar o inaudito, ler o não lido, duvidar da verdade, desaprender o aprendido entre palavras regradadas, limitadas, mas também livres à imaginação; pensar que o livro de registros denuncia as

particularidades, como também revela um modo de escrever policiado, aprisionado a um saber acadêmico no qual, ao descrever as trocas, os acontecimentos, as criações que ocorrem na Sala de Espera da CURES, os estagiários, de certo modo, se mantêm presos a sua prática. Destacam-se registros para melhor compreensão:

A Sala de Espera contou com a presença de duas mães e dois usuários. Quem esteve na Sala foram as estagiárias da psicologia, onde jogamos com o usuário o jogo do peso; em um segundo momento fomos à cozinha com a estagiária da nutrição preparar uma salada de frutas (Escrita registrada no livro de registro no dia, 04/07/1012).

Participaram da Sala de Espera estagiárias da psicologia e da nutrição, juntamente com a mãe e a tia de dois usuários, que após o atendimento, acolhimento se juntaram ao grupo na Sala. Houve roda de chimarrão, as estagiárias da psicologia jogaram com os usuários. A estagiária da nutrição fez atividade com a tia de um usuário na cozinha (Escrita registrada no livro de registro no dia, 06/08/1012).

Na esteira dos registros, talvez, os estagiários se relacionam e desenvolvem possíveis atividades na Sala de Espera da CURES a partir de competências e habilidades adquiridas por meio de um processo de formação que tem por base o conhecimento, sendo orientados pelos princípios de racionalidade científica, que lhes confere certo estatuto. E, como o conhecimento humano é um processo histórico, entende-se que os modos que orientam a escrita e a escuta são fundamentados por um saber que varia como o tempo e o espaço. Assim, pode-se pensar que o livro de registros, com o passar do tempo, contemplará outros modos de se registrar a mistura entre corpos e vozes que movimentam a Sala de Espera da CURES. Talvez, uma escrita assumida pelo desejo de escutar. Para Barthes (1981),

Escutar e vasculhar o corpo do outro, como se quisesse ver o que tem dentro, como se a causa mecânica de seu desejo estivesse no corpo adverso. Essa operação é conduzida de uma maneira fria e atônita, estou calmo, atento, como se estivesse diante de um inseto estranho, do qual bruscamente não tenho mais medo (p. 63).

Desse modo, a escuta que sobrevoa as experimentações a cada encontro se prolifera em movimentos finitos e infinitos. Ao circunscrever esses planos, novas relações são criadas, outras são inventadas, superfícies são cortadas e descortinadas, talvez, desconstruindo determinados preceitos sobre a espera, escrita e escuta. Desse modo, ao se pensar a Sala de Espera da CURES não como espaço terapêutico mas sim como espaço possível de se tornar o tempo de espera

significativo, parte-se do pressuposto de que os estagiários talvez não estejam conseguindo se permitir experimentar, vivenciar algo que de certo modo saia do seu conhecimento acadêmico no momento de relatar as trocas. Então, pode-se pensar: como tal espaço tem afetado os estagiários que circulam pelo espaço pesquisado?

Nessa perspectiva, as forças vivas presentes em cada detalhe na Sala de Espera da CURES nos têm possibilitado pensar na importância da produção de novas experiências a partir de uma escuta que vasculha o pensamento e o corpo do outro; uma escuta que engendra novas formas na sua potência de criação e no movimento próprio da vida de cada sujeito. Isso nos faz pensar que vasculhar o corpo do outro pela escuta exige deixar-se impregnar pela diferença, pelo saber do outro, por uma realidade sensível, de sons, cores, atmosferas emocionais. Segundo Pelbart (2003) “Trata-se do direito de deferir de si mesmo, de se deslocar de si, desprender-se da identidade própria e construir sua deriva ao acaso de encontros e das hibridações que a multidão nos propicia” (p. 126).

No ensaio final dessa pesquisa, verificou-se que cada narrativa é entrelaçada por uma escrita que desdobra uma escuta e uma potência de afetação diferenciada. Assim, as particularidades de quem registra têm-nos possibilitado pensar em “maus escritores”. Talvez, fator que possa dificultar aos mesmos – escritores - entrar em ressonância com a poética desmedida das singularidades no momento de descrever no livro de registro os movimentos que percorrem na Sala de Espera da CURES. Os desenhos, criações e outras expressões verificados no espaço pesquisado, como também vozes perdidas que soam pelo corredor da clínica têm-nos revelado o espaço pesquisado como possibilidade a se tornar o tempo de espera significativo; porém, na maioria dos relatos o modo singular de escrever delimita tal processo, deixando o leitor livre a fantasia e imaginação. Quanto a estes princípios sensíveis, Nietzsche (2005) observa:

Sempre deverão existir maus escritores, pois eles atendem ao gosto das faixas de idade não desenvolvidas, imaturas, estas têm suas necessidades, tanto como as maduras [...], assim, é frequente o leitor e o autor não se entenderem porque o autor conhece bem demais o seu tema e o acha quase enfadonho, dispensando os exemplos que acontece às dúzias. Mas o leitor é estranho à matéria, e a considera mal fundamentada se os exemplos lhe são negados (p. 127).

Pode-se pensar que o sujeito que escreve no livro de registros traz a marca de sua natureza interior, de suas vivências, de seu talento, onde busca verificar que proveito tem tal escrita, que estima ela merece, independentemente de quem ler, que enriquecimento traz para se pensar em possibilidade de cuidado e potencialização de singularidades. Assim, nos parece ser relevante arrancar alguns suspiros, pois muito das criações, experimentações que têm acontecido na Sala de Espera da CURES parecem estar sendo sacrificadas, não sendo de certo modo contempladas no livro de registros, como, por exemplo, as receitas trocadas e confeccionadas na cozinha da CURES. Para melhor compreensão, buscou-se os seguintes registros:

Conforme combinado com as acompanhantes dos usuários na semana passada, fizemos bolo de feijão, com a receita trazida por uma das acompanhantes; comprometeram-se em trazer alguns itens (batedeira, e feijão cozido), com o intuito de participarem ativamente. Entretanto, percebemos que não estavam à vontade para participar ativamente do bolo, então as estagiárias tomaram iniciativa. Durante a atividade, conversamos sobre assuntos cotidianos (reportagens, notícias lidas ou assinaturas). Esperamos todos na cozinha enquanto o bolo estava no forno. Depois dos atendimentos, os usuários juntaram-se a nós, e conversamos principalmente sobre futebol. No momento em que o bolo ficou pronto, os transportes chegaram, então levaram um pedaço de bolo junto. Em um segundo momento, jogamos trilha e pife com uma usuária, apenas alguns minutos enquanto esperava sua mãe (Escrita registrada no livro de registro no dia, 27/08/2012).

Participaram da Sala de Espera as estagiárias da psicologia e enfermagem com a tia do usuário em atendimento. Convidamos a tia do usuário para participar junto com o grupo na confecção de um bolo salgado e negrinho na cozinha. Enquanto preparamos a receita, tomamos chimarrão e conversamos. Após, degustamos o bolo junto com as supervisoras, usuário e tia. Como o transporte do usuário atrasou, continuamos na Sala de Espera jogando o jogo da 'trilha' (Escrita registrada no livro de registro no dia, 14/05/2012).

Estonteados em seu próprio modo de ser, existir e escutar, quem registra acaba por descrever no livro de registros seu estado de afetação e disparatados da própria experiência, assumidos pelas particularidades de cada encontro. Em outras palavras, no encontro com a escrita, o estagiário talvez seja solicitado a operar movimentos entre o gosto pelo inusitado e o prazer destes sopros do acaso que devolvem a imagem das sensações incompletas. Vale dizer, nas palavras de Nietzsche (2005), que:

O que é incompleto produz, com frequência, mais efeito que o completo, sobretudo no panegírico: este requer precisamente a instigante incompletude, como um elemento irracional que mostra à imaginação do ouvinte um mar e, semelhante a uma névoa, esconde a margem oposta, isto é, os limites do objeto a ser louvado (p. 126).

Desse modo, pode-se pensar que nem todos os estagiários sentem-se à vontade em participar dos momentos na Sala de Espera. Assim, vozes perdidas, impregnadas de sentimento têm percorrido as salas e corredor da CURES, revelando não sentir-se bem no espaço Sala de Espera, pois a comunicação nesse espaço torna-se cansativa, repetitiva, sendo o tempo de espera angustiante e sem sentido. A dificuldade em estar ou participar na Sala de Espera da CURES também faz pensar na complexidade de muitas histórias de vida trazidas pelos sujeitos. Assim, aos olhos de Kastrup (1997), os profissionais não podem perder a condição de aprendiz, mas:

Trata-se então de seguir sempre um caminho de vai-e-vem, inventar problemas e produzir soluções, sem abandonar a experimentação. A opção por este caminho implica ter a coragem de correr os riscos do exercício de uma prática, mas também a coragem de superar a ação e pensar. É o exercício de uma coragem prudente. É desconfiar das próprias certezas, de todas as formas prontas e supostamente eternas, e, portanto inquestionáveis, mas é também buscar saídas, linhas de fuga, novas formas de ação, ou seja, novas práticas cujos efeitos devem ser permanentemente observados, avaliados e reavaliados (p. 11).

Isso significa deixar-se penetrar por mensagens não compreendidas, tolerar esta não compreensão, deixar-se impregnar por uma falta de um sentido, aguardando que ele surja no seu devido tempo ou no tempo de cada sujeito. Nessa ótica, talvez o almejado na Sala de Espera da CURES, que é tornar o tempo de espera significativo, requer ousadia dos estagiários, pois, como descreve Kastrup (1997), os profissionais necessitam percorrer o caminho de vai-e-vem, o que implica ter a coragem para correr os riscos do exercício de uma prática sempre em devir, mas também ter coragem de superar a ação e pensar para além da própria prática. Dificuldade esta que vem aparecendo entre vozes perdidas dos estagiários, que murmuram não sentirem-se bem no referido espaço, pois não fazem outra coisa senão passar o tempo conversando e tomando chimarrão. O tempo de espera que angustia também pode ser pensado como um encantamento, como bem descreve Barthes (1981):

A angústia de espera não é sempre violenta, tem seus momentos de calma, espero, e tudo que está em volta da minha espera é atingido de irrealidade: nesse café, observo os outros que entram, batem papo, se divertem, leem tranquilamente, esses não se esperam (p. 95).

Essa “dose de incerteza” presente nas vozes perdidas talvez requer um olhar atento à singularidade de cada participante, ao que pode ser vivenciado, aprendido em cada encontro. Portanto, desejar a mistura de corpos e vozes sempre de modo diferente talvez implica em uma escuta e uma atenção personalizada, amplificada, dirigida à construção de um processo em devir que leve em conta as particularidades de cada sujeito e de cada situação. Parte-se do pressuposto que a Sala de Espera de CURES tende a tornar-se espaço de invenção, criação e trocas a partir da comunicação, da confiabilidade e vínculos que vão se estabelecendo entre os participantes. Assim, pode-se pensar que tal processo também demanda tempo de espera, pois a Sala de Espera da CURES é um espaço inovador e até então inexistente nos serviços de saúde. Como assinalava Malman (2006):

Falar dos sentimentos e das vivências íntimas pressupõe confiança na capacidade do cuidador e no comprometimento da equipe com os objetivos da proposta. Para tanto, a construção de vínculos fortes é parte essencial dos processos de mudança, implicando uma relação contratual, de direitos e deveres entre todas as partes envolvidas (p. 95).

Com essa ideia, parte-se do pressuposto de que os corpos que se encontram se misturam, se movimentam entre as idas e vindas na Sala de Espera da CURES têm denunciado um amorismo. As criações espontâneas que se encontram no espaço pesquisado têm contribuído para podermos pensar o que pode o referido espaço enquanto potencializador de singularidade, como também, espaço possível para se tornar o tempo de espera significativo.

Dessa forma, tateando seu próprio amorismo, cada sujeito tem revelado, graciosamente na espontaneidade, o que pode ou não um corpo ao se encontrar com outro corpo. Em outras palavras, no encontro entre corpos a condição de amor parece ter despertado sentimentos, criações e tocas, passando assim o sujeito a operar movimentos. Pode-se pensar que o gosto pelo diferente, inusitado e o prazer destes sopros do acaso no qual os corpos e vozes se misturam tendem a abrir-se aos devires, tornando os sujeitos em amadores constantes. Na condição de amor, entende-se que o sujeito que espera está à espreita, igual carrapato que,

ao ver-se assediado por uma bandidagem afetiva, busca o lugar mais alto da árvore, depois se deixa cair quando passa algum mamífero, enfiando-se debaixo do pelo do animal e, em um processo de sobrevivência, sugando seu sangue.



10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Espere por mim!”

“Não, não posso mais esperar, a data de entrega do trabalho de conclusão está determinado”.

Encontros, desencontros, olhares, mistura de corpos e vozes acabam se rendendo aos critérios de um momento que chega a seu final. Um momento que não determina o ponto final, mas novas fissuras que surgem dando passagem ao desejo, aos fluxos que têm feito parte desse trabalho. Quer queiramos ou não, a linha do tempo necessariamente continuará seu curso, passiva e impreterivelmente. O tempo que transcorreu para que tal estudo ganhasse corpo nos tem permitido pensar sobre o significado de muitos outros significados, que transversalizaram cada corpo, cada voz, cada encontro; enquanto o tempo de espera tornou-se tempo de criação, experimentação, mas principalmente de vínculos. Isso tem implicado arriscar-nos ao novo, à quebra de dicotomias e a encarar as diferenças como possibilidade de aprendizado.

“Espere!”

“Não, não há mais tempo para esperar. O mês, o dia, a hora e os minutos para a apresentação à banca já foram estabelecidos”.

Pensar a Sala de Espera da CURES como possibilidade de se tornar o tempo de espera significativo fez com que buscássemos identificar, no livro de registros e nas criações existentes no espaço pesquisado, aquilo que de certo modo tem dado voz às singularidades. Assim, não buscamos desvendar verdades ou sugerir formas, mas poder pensar a Sala de Espera da CURES como espaço significativo aos

sujeitos que aguardam pelo atendimento ou transporte, considerando-se os modos de ser, agir e existir de cada participante.

“Espere!”

“Não, não dá para esperar, os anos, meses, semanas, dias estão passando e a data da formatura do curso de psicologia foi marcada”.

Durante o processo da pesquisa, um olhar de apaixonamento nos levou a percorrer os fragmentos de textos no livro de registro, desvelando a mistura de corpos e vozes que, no estonteante silêncio na Sala de Espera da CURES, transformavam o tempo em algo significativo. Assim, habitar o mencionado espaço, mesmo que por instantes, entregar-se às afetações que se desdobram pelos desenhos e criações, vislumbrar o quadro mural que revela um discurso amoroso de alguém que se sentiu acolhido, escutado, olhado ou amparado enquanto permanecia à espera, têm-nos permitido dizer: a Sala de Espera da CURES tem muito a oferecer e muito a ser explorado como possibilidade de cuidado, trocas, experimentações e possíveis práticas interdisciplinares.

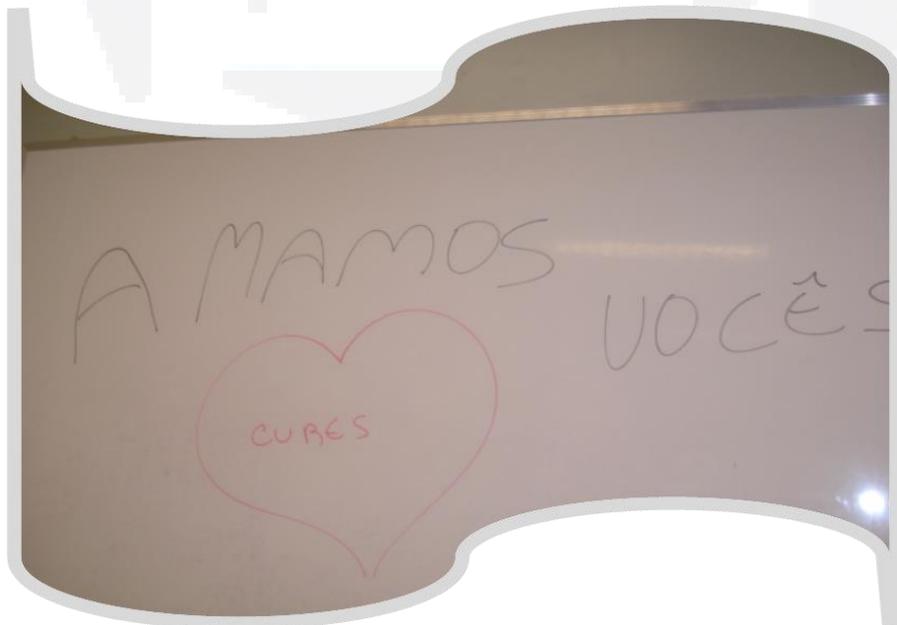


Figura 7 - Escrita anônima no quadro mural da Sala de Espera da CURES. Fonte:Da autora.

“Amo o outro não pelas suas qualidades, mas pela sua existência”
(BARTHES, 1981, p. 188).

Desse modo, todo o tempo de pesquisa serviu para que pudéssemos pensar o que pode um corpo submetido aos afetos, um corpo que se movimenta, que chora, que pulsa, que aprende-desaprende, duvida, inventa e experimenta, flutua, corre e voa sem se preocupar com o que, onde, como, para que, ou para quem. Corpo que não se limita, mas se entrega às criações, ao silêncio, permitindo junto a outros corpos e vozes entoar o mais belo soneto musical - para apaziguar o tempo de espera ou buscar, na incompletude de um ser que espera, ser visto como alguém capaz de ser simplesmente o que é.

“Espere!”

“Não, não insista, pois o tempo tornou-se escasso para que se possa esperar, para dizer que seis anos de estudos se passaram, e com eles, teorias, professores, mestres, doutores, colegas e estágios”.

Ao analisar o livro de registro da Sala de Espera da CURES foi possível identificar que, em sua maioria, os sujeitos têm manifestado certa apropriação do local enquanto espaço que objetiva tornar o tempo de espera significativo, seja falando, silenciando, escutando, gritando, fazendo barulho, rindo ou desenhando. Foi possível identificar que a cada encontro os corpos se expressaram e se subjetivaram de diferentes formas, denunciando encontros, rodas de chimarrão, expressões artísticas, visitas pelo campus da Univates, trocas de saberes e experimentações junto à cozinha da CURES.

“Espere!”

“É tarde. Fiz o que tinha que ser feito. Vivi meus erros. Acertei também. Faria tudo de novo? Não sei. Sei que é tarde e que não há mais tempo”.

Participantes tiveram tempo e espaço para que outros modos de ser, existir e funcionar pudessem ser reconhecidos. O diálogo, os gestos, os sentimentos, as criações, os acontecimentos revelam a potencialidade, a capacidade e as particularidades de existir de cada um. Desta forma, a articulação da Sala de Espera da CURES como espaço possível de se tornar o tempo de espera significativo, ganha mais subsídios e novos pensares. O mencionado espaço torna-se ferramenta

para que corpo e pensamento busquem linhas de conexão com outros modos de cuidar, escutar e acolher: um olhar para além da doença.

Enfim, essa escrita coloca-se como ponto de chegada na finalização de uma etapa, no entanto, nada se equivale ao que a Sala de Espera da CURES ainda poderá vir a ser no decorrer do tempo ou entre uma espera e outra; basta o querer entregar-se a criações e experimentações e assim, estranhar, arriscar-se, brincar com as relações que se apresentam a cada encontro. Nesse sentido, a interdisciplinaridade pressupõe que as diferentes áreas de conhecimento arrisquem-se, a partir de seus campos de saber, a trabalhar a favor de uma expansão dos processos de cuidado que fujam da normatização, buscando através da expressão artística, das criações e experimentações, outros modos de se pensar saúde; e, assim, os sujeitos possam expandir suas formas de ser e estar no mundo.

“Espere!”

Não nego a carência que tenho, tampouco os exageros que vivi, tentando buscar no outro o que em mim não consegui. Não nego as projeções erradas, os erros repetidos e as migalhas que, sem juízo, guardei. Só nego a apressada acusação de que paro por aqui (CHALITA, 2011, p. 25).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **Formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5. ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari, 2002.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. São Paulo: Record, 1998.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre fotografia**. Tradução de Hortência dos Santos. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O Prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1993.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Humaniza SUS: prontuário transdisciplinar e projeto terapêutico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES. Resolução 92/REITORIA/ UNIVATES, de 23 de julho de 2008. Aprova o projeto da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde - CURES. Lajeado, RS, 23 jul. 2008. Cópia impressa. 21 p.

CHALITA, Gabriel. **Felicidade**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza e os Signos**. Porto: Rés Editora, 1970.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega – Passagens, 1996.

_____. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUGANTI, Luiz. **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Linha de fuga, 2008.

GALLO, Sílvio. Aspis, Renata, Lima. **Biopolítica-Vírus e Educação Governamentalidade e Escapar e...** REU, Sorocaba/SP, v. 37, n. 2, p. 167-179, dez., 2011.

KASTRUP, Virginia. **As políticas da cognição e o problema de aprendizagem**. Palestra proferida na Semana de Psicologia da UFES, na mesa-redonda “Práticas Educacionais”. Vitória, set. 1997.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre. V. 19, n. 1, jan./abr., 2007. P. 15-22.

LIVRO DE REGISTROS: **Clínica Universitária Regional de Educação em Saúde (CURES)**. Centro Universitário UNIVATES/RS/Brasil, 2011.

LOURO, Guacira. Lopes. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul/dez., 2000.

MALMAN, Jonas. **Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. São Paulo: Escrituras Editoriais, 2006.

MEDEIROS, Patrícia. Flores. de; GUARESCHI, Neuza. Maria de Fátima. A mídia como ferramenta de pesquisa: produção de saberes no cotidiano sobre a saúde das filhas deste solo. **Psicol. Soc.**, vol. 20, nº esp., p. 87-95, 2008.

MUNHOZ, Angélica V. **Coreogeografias**. 2009. 147 p. Tese. (Doutorado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Humano, demasiado humano:** um livro para espíritos livres. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Ecce Homo:** como se chega a ser o que se é. Tradução Antonio C. Braga. São Paulo: Escala, 2006a.

_____. **Assim Falava Zaratustra.** Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Escala Educacional, 2006b.

OLIVEIRA, Andréia, Machado; FONSECA, Tania. Galli. **Contribuições de Deleuze:** o acontecimentalizar no social e as sinuosas linhas da trama institucional, v. 38, n. 2, p. 133-138, maio/ago. 2007.

PASSOS, Eduardo, et al. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Peter. Pál. **Vida Capital:** ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras Ltda., 2003.

PELBART, P. **O Tempo Não-Reconcliliado. Imagens do Tempo em Deleuze.** São Paulo, Perspectiva, 2004.

RODRIGUES, Carla, Gonçalves. **Por uma pop' escrita acadêmica educacional.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade,** São Paulo, 1993.

_____. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). **Na Sombra da Cidadania.** São Paulo: Escuta, 1995.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

VILELA, Eugenia. À contraluz, o testemunho. Uma linguagem entre o silêncio e o corpo. In: FONSECA, Tania. Maria. Galli.; COSTA, Luciano. Bedin. da (Orgs.) **Vidas do fora:** habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.